

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

**PROTAGONISMO JUVENIL:
PROBLEMATIZANDO ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE JUVENIL
NO CONTEXTO ECLESIAL**

CLÁUDIO GIOVANI BECKER

MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA
Educação Comunitária com Infância e Juventude

São Leopoldo
2008

CLAUDIO GIOVANI BECKER

**PROTAGONISMO JUVENIL:
PROBLEMATIZANDO ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE JUVENIL
NO CONTEXTO ECLESIAL**

Dissertação de Mestrado Profissional em
cumprimento parcial das exigências do
Programa de Pós-Graduação em Teologia
para obtenção do Grau de Mestre em
Teologia

Orientador: Prof. Dr. Oneide Bobsin

São Leopoldo

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B395p Becker, Cláudio Giovani
 Protagonismo juvenil : problematizando espaços de
 sociabilidade juvenil no contexto eclesial / Cláudio Giovani
 Becker ; orientador Oneide Bobsin. – São Leopoldo :
 EST/PPG, 2008.
 66 f.

 Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia.
 Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia.
 São Leopoldo, 2008.

 1. Obras da igreja junto aos jovens. 2. Jovens –
 Aspectos religiosos. 3. Jovens – Aspectos sociais.
 I. Bobsin, Oneide. II. Título.

Dedico esta pesquisa ao público jovem,
com o qual compartilhei momentos memoráveis.

A Mocidade

*A Mocidade é como a Primavera!
A alma, cheia de flores resplandece,
Crê no Bem, ama a vida, sonha e espera,
E a desventura facilmente esquece.*

*É a idade da força e da beleza:
Olha o futuro, e inda não tem passado;
E, encarando de frente a Natureza,
Não tem receio do trabalho ousado.*

*Ama a vigília, aborrecendo o sono;
Tem projetos de glória, ama a Quimera;
E ainda não dá frutos como o Outono,
Pois só dá flores como a primavera!*

Olavo Bilac

AGRADECIMENTOS

Ao Deus de Amor.

Aos meus pais e meus familiares, pelo incentivo a educação e vivências de onde trago a valorização pela formação continuada como um ensinante aprendiz.

Ao meu orientador Prof. Dr. Oneide Bobsin, que me deu toda liberdade na construção desta caminhada.

Ao amigo e companheiro Prof. Dr. Remí Klein, pelo suporte, dedicação, confiança e incentivo em todas as etapas da caminhada na academia.

A Profª Drª Gisela Streck, pelo acompanhamento, suas falas serenas e 'ouvidos' de confiança.

A Profª Drª Sandra Vidal Nogueira, pelo incentivo inicial para esta caminhada.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil por acreditar na minha potencialidade.

Aos jovens entrevistados pela colaboração indispensável a esta pesquisa e caminhada conjunta.

Aos amigos e amigas que sonharam juntos um sonho a mais e estiveram presentes nesta etapa da vida, especialmente Valquiria, Maraike, Juliana, Rosilene, Vera e Elisa.

E,

agradecimento de reconhecimento, respeito e carinho,

A Joni, pelo início da caminhada.

Ao Gil, parceiro de escuta e cuidador.

A Beti e a Cátia, educadoras aprendentes e ensinantes, entusiastas da educação.

A Odila, pelo abraço nesta reta final.

RESUMO

Este estudo pretende servir como instrumento de problematização dos espaços eclesiais de sociabilidade juvenil, visando à promoção do protagonismo, o qual resulta em empoderamento de pessoas jovens. Esta pesquisa valeu-se do processo dialógico freireano com base na práxis educativa desenvolvida no âmbito das juventudes da igreja. Também foi realizada revisão bibliográfica de autores que transitam nesta área, permitindo embasamento para este trabalho. Neste exercício foram elencadas leituras de sujeitos jovens envolvidos na esfera vivencial e formativa com a intenção de avaliar o seu espaço na igreja, identificando suas necessidades e o quanto estas são atendidas através das políticas de trabalho propostas. Fica evidente que os jovens estão sedentos por um espaço de responsabilidade e visibilidade, permitindo a integração ao todo da igreja, passando de espectadores a gestores de ações, o que resulta na criação de vínculos referenciais de confiança. Estas iniciativas sinalizam balizadores para uma possível ressignificação deste espaço tradicional de sociabilidade.

Palavras-chave: juventude, igreja, sociabilidade, empoderamento, práxis educativa.

ABSTRACT

This study is intended to serve as an instrument for questioning about the church spaces used for juvenile socialization, aiming at promoting their protagonism, which results in the empowerment of young people. This research made use of the Freire dialogical process based on the educational practice developed within the youth groups of the church. Bibliographical research was also carried out on authors who work in this area granting a theoretical foundation for this work. In this exercise readings have been listed of young protagonists involved in the life experience and formative spheres with the intention of evaluating their space in the church, identifying their needs and how much these needs are tended to through the proposed work policies. It becomes evident that the young people are thirsting for a space of responsibility and visibility, which permits an integration into the whole of the church, passing from spectators to administrators of actions which results in the creation of referential ties of trust. These initiatives signal foundations for a possible resignification of this traditional space of socialization.

Key words: youth, church, sociability, empowerment, praxis education

LISTA DE ABREVIATURAS

- **CMI** – Conselho Mundial de Igrejas
- **CONAJE** – Conselho Nacional da Juventude Evangélica
- **DNAJ** – Departamento Nacional para assuntos da Juventude
- **DEC** – Departamento de Educação Cristã
- **ECA** – Estatuto da Criança e do Adolescente
- **FLM** – Federação Luterana Mundial
- **FAPERGS** – Fundação de Apoio à Pesquisa no Rio Grande do Sul
- **IECLB** – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
- **IEPG** – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
- **JE** – Juventude Evangélica
- **OMS** – Organização Mundial da Saúde
- **ONU** – Organizações das Nações Unidas
- **PNJ** – Plano Nacional de Juventude

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 – UM OLHAR SOBRE A JUVENTUDE	14
1.1 – Juventude.....	14
1.2. – Sociabilidade Juvenil.....	22
1.3 – Protagonismo Juvenil.....	26
1.4 – Empoderamento.....	32
2 – OLHARES DA JUVENTUDE SOBRE SEU ESPAÇO SOCIAL NO CONTEXTO ECLESIAL	35
2.1 – Dialogando com entrevistados.....	36
3 – OUTROS OLHARES SOBRE A PRÁXIS EDUCATIVA NO TRABALHO COM JOVENS NO ESPAÇO ECLESIAL	52
CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62

INTRODUÇÃO

A literatura é farta¹ na tematização social da juventude no Brasil. No entanto, há uma “dificuldade de considerar os jovens efetivamente como sujeitos”.² Partindo desta constatação, contemplamos neste estudo alguns anos de vivências junto a espaços de sociabilidade juvenil, bem como na execução de projetos visando à promoção da formação para uma prática criadora de horizontes significativos a este público.

A juventude avança com sua precocidade por espaços anteriormente não percorridos. Olhando por este prisma, ela serve-se das ofertas que acolhem e respondem as suas necessidades imediatas, sem medir esforços para alcançar e atender a sua satisfação.

Mais do que procura por respostas, a idéia deste trabalho surgiu com a problematização de uma *práxis* experienciada com juventudes³. Dito isto, este

¹ A literatura é farta, porém, para a grande maioria das pessoas que necessitam fazer uso do acervo impresso, estas publicações são inacessíveis pelo alto custo. Além disso, poucas pessoas têm acesso às bibliotecas com acervos atualizados. A internet facilita o acesso a materiais. Os centros de formação utilizam este recurso, assim como as pessoas em processo de formação. (nota do autor)

² ABRAMO, Helena W. apud HAMMES, Lúcio Jorge. **Aprendizados de convivência e a formação de capital social**: um estudo sobre grupos juvenis. Tese de Doutorado. UNISINOS. São Leopoldo, 2005. p. 19.

³ Juventude não é apenas uma passagem, mas tem um significado em si. Além da importância de se pensar nas diversas vivências da juventude marcadas pelo gênero, pela raça/etnia, pela classe social, etc. Daí o termo ser expresso no plural: juventudes. É preciso reconhecer a heterogeneidade do mundo jovem, para que se possam englobar nas ações as especificidades apresentadas pelas “juventudes”. cf. FREITAS, Maria Virgínia. **Seminário Juventude e Políticas Públicas**. São Paulo. p. 4. Disponível em: <<http://www.polis.org.br>> ou <www.ibase.org.br>. Acesso em: 10 nov. 2007.

estudo tem a intenção de contribuir na constituição de espaços de formação eclesial-comunitária e popular.

Em muitos contextos há um perfil de jovens engajados em ações de superação de realidades excludentes, independentemente de terem ou não motivações religiosas. Assim sendo, esta relação de busca com qualidade de vida é um indicador da capacidade de transformar realidades. Muitas vezes, suas intervenções colocam-se mais eficientes do que as ações propostas pelos espaços eclesiais, sugerindo que existe distância entre o púlpito e a realidade onde as mesmas convivem com seus desafios.

A Igreja em todos os níveis é chamada a discernir as necessidades de transformação, reconciliação e empoderamento. [...] Um dos principais desafios para a missão da igreja nesta década deveria ser o de curar as lembranças, remover a culpa e a vergonha internalizadas do passado.⁴

Olhando o cenário nacional, a partir do ano 2000, há uma crescente mudança em relação ao modo como o jovem passou a ser visto. “De mero objeto de políticas compensatórias⁵, ele passa a ser instrumento do desenvolvimento.”⁶

Considerando que a igreja é um espaço de sociabilidade e que acompanha as pessoas em sua caminhada de fé, é prudente reconhecer que há uma necessidade de ressignificar programas e metodologias de trabalhos, sobretudo no universo juvenil. É neste ponto que a igreja deve estar atenta para fortalecer sua tarefa missionária, firmando-se como agência socializadora.

⁴ FLM – Federação Luterana Mundial – Departamento de Missão e Desenvolvimento. **Revista Missão em Contexto**. Curitiba: Encontro, 2006. p. 63.

⁵ Políticas compensatórias: é o cenário a partir do qual o autor se propõe a refletir sobre as ações coletivas que vêm sendo desenvolvidas pelos diferentes atores e sujeitos sociais. **Em Tese - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 1 nº 1 (1), agosto-dezembro/2003. Disponível em: <www.emtese.ufsc.br>. Acesso em: 10 nov. 2007. p. 2.

⁶ SEMERENE, Bárbara. **Jovens no Poder**. Disponível em: <<http://www.bancouniversitario.com.br>> ou <<http://www.universia.com.br>>. Acesso em: 4 abr. 2007.

A relação das igrejas (como *agências* socializadoras) com a formação de identidades juvenis e, portanto, de distintas modalidades de consciência e prática social, em contextos sociais e culturais pluralizados, vem sendo colocada como preocupação central das políticas de intervenção de instituições religiosas que desenvolvem atividades de formação, como é o caso da pastoral jovem, institucionalizada na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB através do Departamento Nacional para Assuntos da Juventude – DNAJ.⁷

Os espaços eclesiais que promovem a sociabilidade resultam em ações de protagonismo juvenil e seu conseqüente empoderamento. A Igreja tem como desafio promover os espaços de sociabilidade, protagonismo e empoderamento juvenil de forma factível.

Assim sendo, este trabalho tem como objetivo problematizar os espaços de sociabilidade juvenil em âmbito eclesial, fomentando possibilidades que permitam a ressignificação do espaço igreja no contexto juvenil, motivando para as ações de protagonismo e empoderamento a fim de formar e/ou reforçar a identidade das pessoas jovens. Este exercício se dará de forma dialógica através de revisão bibliográfica, falas de pessoas envolvidas com o trabalho entre jovens e a *práxis* educativa desenvolvida com este público pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e espaços ecumênicos.

Esta pesquisa foi organizada em três capítulos para que haja uma melhor compreensão.

O primeiro capítulo – *Um olhar sobre a juventude* – busca recuperar referenciais em torno do tema *Juventude: sociabilidade, protagonismo e empoderamento*, sem desejar propor conceituação aos termos. No entanto, tencionamos arrolar questões referentes à juventude que são consideradas relevantes.

⁷ BOBSIN, Oneide; BECKER, Cláudio Giovanni; KUHN JÚNIOR, Norberto. **Sociabilidade juvenil: contexto religioso e sua inserção social**. São Leopoldo: IEPG/EST, 2003. 5 p.

No segundo capítulo – *Olhares da juventude sobre seu espaço social no contexto eclesial* – serão colocadas as falas dos entrevistados. A partir destas, teceremos comentários sobre as percepções e anseios que os mesmos possuem em relação ao espaço social ofertado pelas instituições de cunho eclesial. Nossas inferências serão colocadas entre uma fala e outra.

O terceiro capítulo – *Outros olhares sobre a práxis educativa no trabalho com jovens no espaço eclesial* – relaciona as falas dos sujeitos listadas no capítulo anterior, num processo dialógico com saberes que promovam uma educação emancipadora. Sem a pretensão de pautar elementos fundantes para um trabalho pastoral com e entre jovens, elenca valores relevantes para uma prática educativa com este público, capacitando educando e educadores a intervir e propor mudanças em seu tempo.

CAPÍTULO 1 – UM OLHAR SOBRE A JUVENTUDE

*Nada dura tanto, exceto a mudança.
(Heráclito)*

1.1 – JUVENTUDE

Quando problematizamos o tema juventude, seus espaços de sociabilidade, protagonismo e empoderamento, deparamo-nos com inúmeras dúvidas e desafios. Muitos autores discorrem sobre o assunto sob diferentes olhares, entendendo os jovens como sujeitos, a partir dos espaços de sociabilidade em um amplo conjunto de ações emancipatórias.

Partindo desta premissa, faz-se necessário situar o jovem dentro do seu contexto. É muito importante iniciar estabelecendo a *condição juvenil*, isto é, *de quem está se falando, do ser e/ou estar jovem, o modo como nos pronunciamos a respeito deles e quais os valores que atribuímos ou queremos atribuir a este grupo, enquanto educandos e educadores*. Sobre esse tópico Bourdieu destaca que:

Não se deve incidir no erro de falar de jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar esses interesses a uma faixa etária. Não existe *uma* juventude, mas multiplicidade delas, tantas quantas são as tribos existentes.⁸

⁸ BOURDIEU, Pierre apud BARRIENTOS-PARRA, Jorge. O Estatuto da Juventude - Instrumento para o desenvolvimento integral dos jovens. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília a. 41 n. 163. p. 132, 2004.

Schmidt e Durand mencionam que a “condição juvenil, hoje, é legitimada para além da questão etária e biológica, por alguns fatores, como o fenômeno do alargamento do período da juventude”⁹. Abad corrobora com o pensamento das autoras acima mencionadas quando diz que “a juventude se prolonga até depois dos 30 anos, o que significa que quase um terço da vida, e um terço da população tem o rótulo, impreciso e convencional como todos, mas simbolicamente muito poderoso”¹⁰.

Como podemos inferir dessas leituras, os termos “ser jovem”, “juventude” ou “juventudes” nos remetem a um universo detentor de características próprias, como resultado de culturas, conforme o contexto onde estão inseridos.

Abaixo foram transcritos, para este estudo, recortes de textos de estudiosos renomados, que reforçam e embasam as citações arroladas acima sobre o tema em questão.

Coelho salienta:

Compreender a Juventude enquanto um fenômeno multidimensional é entender que diversos são os fatores que constituem a identidade juvenil; trata-se de um momento onde o indivíduo começa a enfrentar e ter que dar respostas individuais às diversas instituições sociais que o cercam; é um momento onde se passa por diversas transformações biológicas e psicológicas e que o contexto econômico e social ao qual ele está inserido é parte integrante da construção de sua personalidade. Tudo isso é fundamental para compreendermos que não estamos falando de uma população homogênea e sim de diversos grupos de pertencimento com identidades próprias, ou seja, não estamos falando de juventude, mas sim de Juventudes. É um momento na vida em que se está mais aberto a apreensão de novos conhecimentos, posturas e construções de novas relações sociais.¹¹

⁹ SCHMIDT, Maria Auxiliadora; DURAND, Olga Celestina da Silva. Juventude, juventudes: processos e espaços educativos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 1. 2004. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectivas.html>>. Acesso em: 15 jul. 2007.

¹⁰ ABAD, Miguel (2003a) apud SCHMIDT; DURAND, 2004, p. 1.

¹¹ COELHO, Alonso Nunes. Juventude e Políticas Públicas. **Revista Mundo Jovem**. São Paulo, out. 2003.

Analisando a mesma temática, o renomado pesquisador, mestre em Ciências Sociais e doutorando do “Programa de doctorado en el estudio de las sociedades latino-americanas”, Oscar Dávila León, em seu artigo disponibilizado *online* pela ONG Ação Educativa, menciona:

Por si só a categoria etária não é suficiente para a análise do adolescente e do juvenil, mas é necessária para marcar algumas delimitações iniciais e básicas, mas não orientadas na direção de homogeneizar estas categorias etárias para o conjunto dos sujeitos que têm uma idade em uma determinada faixa. Inclusive em certas ocasiões têm-se utilizado denominações diferentes para tentar romper com estas sobreposições entre adolescentes e jovens, por exemplo, com a definição como “a pessoa jovem” [...] ou com a construção de modelos ou “tipos ideais” de juventude através da história, de acordo com os tipos de sociedade possíveis de identificar, onde nos encontramos.¹²

Já para a Socióloga e Mestre em Educação, Maria Virgínia de Freitas, coordenadora da Área de Juventude da ONG Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação,

[...] a fase da vida designada por “juventude” é vista socialmente como período de transição entre a infância e a vida adulta. Essa transição em algumas sociedades é marcada por “ritos de passagem”. Na nossa sociedade ela era marcada por alguns fatores como: terminar os estudos, viver do próprio trabalho, sair da casa dos pais, casarem, ter filhos, etc. Mas essas “passagens” são fronteiras que eram marcadas em outras gerações e que na juventude atual estão completamente borradas e misturadas [...] Não há mais linearidade no processo de tornar-se adulto, as experiências dessa geração são distintas.¹³

Por outro lado, seguidamente vimos serem usados os termos adolescência e juventude como sinonímias.

¹² LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. FREITAS, Maria Virgínia et al. **Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais**. 2005. p. 13. Disponível em: <www.acaoeducativa.org>. Acesso em: 24 ago. 2007.

¹³ FREITAS, Maria Virgínia. **Seminário Juventude e Políticas Públicas**. São Paulo. p. 3. Disponível em: <<http://www.polis.org.br>> ou <www.ibase.org.br>. Acesso em: 10 nov. 2007.

[...] no Brasil, um uso concomitante de dois termos, *adolescência* e *juventude*, que ora se superpõem, ora constituem campos distintos, mas complementares, ora traduzem uma disputa por distintas abordagens.¹⁴

[...] pluralizar o momento de referir-nos a estes coletivos sociais, isto é, a necessidade de falar e conceber diferentes “adolescências” e “juventudes”, em um sentido amplo das heterogeneidades que se possam apresentar e visualizar entre adolescentes e jovens.¹⁵

Conforme Barrientos-Parra, “universalmente a juventude destaca-se pela singularidade de seu posicionamento perante a vida. Por definição, a juventude é criadora. No plano cultural, gera modismos e formas peculiares de comunicação”¹⁶. Carrano¹⁷, fazendo referência ao jovem, diz que “precisa levar em consideração a heterogênea realidade das sociedades complexas¹⁸.”

Politicamente falando, organismos internacionais apóiam-se no critério de faixa etária para designar esse grupo populacional. Os limites etários utilizados para abordar este período variam muito de país para país e de instituição para instituição.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a faixa etária representativa da juventude vai dos 10 aos 19 anos. A Organização das Nações Unidas (ONU) considera uma pessoa jovem entre 15 a 24 anos e conceitua juventude como um espaço social, cultural e histórico definido de modo diferente em cada sociedade.

Conquanto cada lugar determina sua faixa jovem de acordo com a realidade, cultura, construindo políticas de acordo com ela, no Brasil, o *Estatuto da Juventude*¹⁹ – *declaração de direitos e deveres dos jovens* – que possui uma estrutura jurídica mínima, permite aos jovens debater, formular, executar e avaliar as

¹⁴ FREITAS, Maria Virgínia et al. **Juventude e Adolescência no Brasil**: referências conceituais (introdução). Revista Ação Educativa. São Paulo: 2005, p. 6. Disponível em: <www.acaoeducativa.org>. Acesso em: 25 jan. 2007.

¹⁵ LEÓN, In FREITAS et al., 2005, p. 10.

¹⁶ BARRIENTOS-PARRA, Jorge. O Estatuto da Juventude – Instrumento para o desenvolvimento integral dos jovens. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília: a. 41, n. 163, jul./set.2004. p. 2-22.

¹⁷ CARRANO, Paulo. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Movimento**. Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói, n. 1, p. 11-26, mai. 2000.

¹⁸ O termo “sociedades complexas” referencia a multiplicidade de relações existentes na sociedade moderna.

¹⁹ Projeto de Lei nº 569/01 que institui o Estatuto da Juventude.

políticas públicas de juventude. Significa dizer que a juventude tem seus direitos jurídico-políticos afiançados enquanto atores sociais.

Desta forma, “o caráter do *Estatuto da Juventude* é possibilitador, atendendo as especificidades da juventude. Objetiva ser um instrumento de apoio ao jovem nas suas escolhas, buscas, incertezas, caminhos e descaminhos”.²⁰

Assim, como parte de políticas públicas para a juventude instituídas pelo atual governo, temos o Plano Nacional de Juventude (PNJ), plano este destinado às pessoas jovens com idades entre 15 e 29 anos. Vale ainda mencionar o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente²¹, “legislação que abrange crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, estabelecendo os direitos singulares da adolescência, compreendida como a faixa etária que vai dos 12 aos 18 anos de idade, quando então se atinge a maioridade legal”²².

Em face ao contexto desta pesquisa, é pertinente dizer que o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), do qual a IECLB faz parte enquanto instituição eclesial e onde grande parte desta pesquisa esteve alicerçada, delimita como sendo juventude o período compreendido entre 18 e 30 anos de idade.

Estas definições podem assumir um teor arbitrário, porém, ajudam no processo de organização de perfis juvenis. Neste caminho de *arbitrariedade*²³, perspectivas sociológicas são colocadas, resultando em diversas possibilidades preestabelecidas por conceitos *adultocêntricos*²⁴, que os identificam historicamente como contestadores ou delinqüentes, conforme o período historiográfico vivenciado.

²⁰ BARRIENTOS-PARRA, 2004, p. 134.

²¹ ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei Federal nº 8.069, promulgada em 13 de julho de 1990.

²² FREITAS et al., 2005, p.7.

²³ Arbitrariedade, no sentido posto, remete ao entendimento de que a juventude está ‘encerrada’ dentro de uma faixa etária (nota do autor).

²⁴ Adultocentrismo é a forma de discriminação contra adolescentes especificamente por causa de sua pouca idade. Como se só aquilo que o adulto pensa ou faz fosse válido e só seus interesses fossem importantes. (Wikipédia).

Dick refere que “os jovens sempre foram um segmento silenciado, mas que não deixaram de se manifestar. Só que estas manifestações não são importantes na história de uma sociedade comandadas por adultos²⁵”. Foracchi, em 1972, já dizia que “a noção de juventude impõe-se como categoria histórica e social, no momento em que se afirma como produto histórico, isto é, como movimento de juventude”²⁶.

Olhando para a história de nosso país, mais precisamente no período da abertura política, jovens foram às ruas fazendo valer seus anseios e sonhos saindo da inércia. Movimentos contestatórios juvenis ocorreram a partir da década de 60/70 e lutavam por uma mudança profunda, ou seja, uma nova forma organizacional da sociedade.

Através do espírito contestador, chamavam atenção sobre si, provocando na sociedade revisão de conceitos, padrões e ordens, configurando um novo modelo de história. No entanto, seria errôneo afirmar que toda a juventude dessa época tenha tido envolvimento com a questão política, mesmo que boa parcela tivesse participação ativa nos movimentos estudantis. Imbuídos e cientes deste papel revolucionário, com poder de causar transformações sociais, semearam e fizeram crescer um horizonte de vida com visibilidade, sendo sujeitos de sua história.

Foracchi pressupõe que “a juventude representa a categoria social sobre a qual inflete, de modo particular, a crise do sistema” [...], ou, em outras palavras, “o jovem define, em termos também críticos, a crise da sociedade”.²⁷

Nos anos 90, a determinação dos jovens com idéias libertárias ficou aparentemente comprometida. A crise desta década está pautada na falência das

²⁵ DICK, Hilário. História da Juventude. São Leopoldo, 2003. **IHU On-line**, São Leopoldo, Ano 3, n. 71, p. 15-17, 18 ago. 2003.

²⁶ FORACCHI, Marialice Mencarine. **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972. p. 12.

²⁷ FORACCHI, Marialice M. apud SOUZA, Regina Magalhães de. **Escola e juventude: o aprender a aprender**. São Paulo: EDUC/Paulus, 2003. p. 49.

gerações que, em tempos idos, embalaram sonhos construindo uma trajetória calcada na esperança.²⁸

Freitas et al. a esse respeito escrevem:

[...] jovens com mais de 18 anos, ficaram por muito tempo fora do escopo da tematização social; até meados dos anos 90, quando uma nova emergência do tema se produz, principalmente centrada na preocupação social com os problemas vividos ou representados pelos jovens [...], relacionados às dificuldades de inserção e integração social numa conjuntura marcada pela extensão dos fenômenos de exclusão decorrentes da crise do trabalho, e do aumento da violência, resultando em profundas dificuldades de estruturar projetos de vida.²⁹

Esta fase revelou uma sociedade acomodada, com parco espírito comunitário, parcimônia na vontade de levantar bandeiras contra a hipocrisia evidenciada, que se sustentava através de um sistema que ajudaram a desabrochar, mas que não atende necessidades atuais e das gerações vindouras. “É a partir dos anos 90 que os jovens voltam a adquirir visibilidade, com outras figuras, novos temas e focos”.³⁰

Levantamento exploratório, feito em meados de 1996, mostrou que a maior parte dos programas desenvolvidos por ONGs para este público tinham como foco os adolescentes em situação de risco e carência, e se estruturavam como serviços de atendimento de resgate e salvamento, com objetivos como: tirar meninos da situação de rua; dar reforço escolar; propiciar alguma geração de renda; promover a salvaguarda de direitos, buscando garantir a aplicação do ECA.³¹

Retomando Botas, ele menciona que: “A ‘crise’ da juventude é muito mais determinada pela impossibilidade de uma ação social efetiva e transformadora, por

²⁸ BOTAS, Paulo Cezar Loureiro. Não confie em ninguém com mais de 30 anos. **Revista Tempo e Presença**, n. 262, p. 12, 1992.

²⁹ FREITAS, Maria Virgínia et al. **Juventude e Adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: 2005, p. 8. Disponível em: <www.acaoeducativa.org>. Acesso: 14 set. 2006.

³⁰ ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In. FREITAS, Maria Virgínia (Org.). **Juventude e Adolescência no Brasil**: referências conceituais. Cap. 2. São Paulo: 2005. p. 24. Disponível em: <www.acaoeducativa.org>. Acesso: 14 set. 2006.

³¹ ABRAMO, 2005, p. 24.

meio de uma atitude crítica, do que pela ‘desagregação moral e religiosa’ da família e da sociedade.”³²

[...] a visibilidade ampliada e diversificada da juventude se deve também ao aparecimento de diversos **grupos juvenis**, principalmente dos setores populares, que, com atuações e linguagens variadas no plano da cultura, do lazer, do cotidiano, da vida comunitária, da vida estudantil, vieram a público colocar as questões que os afetam e os preocupam.³³

Atualmente existem segmentos que se organizam através de mobilizações em defesa própria, quer seja através de ONGs, grupos ligados a diferentes confissões religiosas ou outros tipos de manifestações públicas com forte apelo popular, diminuindo assim a vulnerabilidade social. Este exercício possibilita a promoção de um horizonte onde têm atendidas suas carências. Por isso, podemos inferir que nem toda juventude está estática.

Como resultado deste processo, os conceitos arrolados neste estudo podem ser englobados de forma sintética nas palavras de Dayrell:

Entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma.³⁴

Baseando-se nas leituras realizadas, permitimo-nos sugerir que as instituições envolvidas com o público juvenil devem ter um olhar crítico-constructivo a partir do acompanhamento que as mesmas se propõem, ampliando seus espaços de sociabilidade, assunto que será estudado na seqüência.

³² BOTAS, 1992, p. 12.

³³ ABRAMO, 2005, p. 27.

³⁴ DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, set-dez, 2003. p. 42.

1.2. – SOCIABILIDADE JUVENIL

Segundo o dicionário eletrônico Houaiss, a etimologia da palavra sociabilidade significa: “sociável + suf. - *vel* sob a f. lat. - *bil (i)*- + - *dade*, prov. por infl. do fr. *sociabilité* (1665) 'aptidão para viver em sociedade', (1756) 'qualidade de uma pessoa sociável', der. de *sociable* 'sociável' + suf. -*ité*; característica do que é sociável”.³⁵

Julgamos importante resgatar a etimologia da palavra com o intuito de ajudar a esboçar um entendimento em torno do tema. A partir da acepção e sua etimologia deduzimos que ‘espaços de sociabilidade juvenil’ poderiam ser definidos como sendo locais onde as pessoas jovens desenvolvem suas redes de relações.

As diversas agências socializadoras, quer de cunho popular ou religioso, de diferentes credos ou confissões, bem como a própria comunidade, são responsáveis pelos ambientes de sociabilização.

[...] para se falar em sociedade é preciso também conhecer valores e redes de sociabilidade que em seu interior motivam a solidariedade e mobilizam trabalho voluntário (em termos civis ou religiosos).³⁶

São nestes espaços que normalmente se desenvolvem os projetos das agências socializadoras. A IECLB, por sua vez, compromissada com o desenvolvimento de seus projetos, ao atuar procura:

[...] focar os processos de sociabilização juvenil, mediados por *quadros referenciais religiosos* definidos no âmbito da ética protestante-luterana [...] Instaura, portanto, processos reflexivos sobre o papel das igrejas, em

³⁵ DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Versão 1.0 – Dez. 2001, Copyright © 2001, Instituto Antonio Houaiss, produzido e distribuído por Ed. Objetiva Ltda. CD-ROM.

³⁶ NOVAES, Regina Reyes. Juventude e Ação Social no Rio de Janeiro: resultados de pesquisa. In: LANDIM, Leilah (Org.) **Ações em Sociedade** - Militância, caridade, assistência etc. Rio de Janeiro: Iser/Nau, 1998. Disponível em: <http://www.rits.org.br/estudos_teste>. Acesso em: 25 jul. 2007.

especial da Igreja Luterana, na construção das identidades religiosas dos seus membros jovens e sobre o impacto destes perfis identitários no campo social.³⁷

[...] analisar as modalidades de interação dos jovens com a Igreja Evangélica Luterana [...], as formas do seu engajamento religioso, considerando-se, aqui, o conjunto de ações e forças socializadoras desenvolvidas no âmbito das Comunidades Luteranas (aqui entendidas como espaço de sociabilidade juvenil).³⁸

Conforme Souza, o que caracteriza a sociabilidade juvenil é a vivência com o grupo de pares³⁹. Entretanto, é preciso considerar que estes *grupos pares* não necessariamente estão firmados somente em espaços ditos formais como família, escola e igreja, pois os mesmos são formalizados de maneira adultocêntrica. Existem outros espaços como a rua e seus arredores (shopping centers, postos de gasolina, praças) que são alocados pelos jovens. Estes assumem características informais e cumprem com o mesmo propósito, porém, o diferencial é que são articulados pela própria juventude. Isto nada mais é do que protagonismo e construção de saberes. Estes locais assumem caráter de formadores de sujeitos a partir do universo de quem se percebe integrado a distintos contextos. Aí reside a importância em os jovens gestarem seus próprios locais de sociabilidade, mesmo que, por vezes, esses espaços possam ser frágeis.

Diante dessa fragilização nos laços de interação, novas formas de sociabilidade nascem da socialização no mundo da rua. As esquinas, os pontos de encontro, "onde se desenvolvem as relações de amizade" e ocupação do tempo livre conformam espaços privilegiados na construção de identidade coletivos e diversas modalidades de sociabilidade. Várias formas de ação e expressão juvenil são gestadas nestes novos espaços: a música, a dança, o esporte, e também a violência⁴⁰ vão compor as estratégias de afirmação geracional e luta pela sobrevivência.⁴¹

³⁷ BOBSIN et al., 2003, p. 7.

³⁸ BOBSIN et al., 2003, p. 9.

³⁹ SOUZA, Regina Magalhães de. **Escola e juventude**: o aprender a aprender. São Paulo: EDUC/Paulus, 2003. p. 117.

⁴⁰ Nestes espaços, segundo SPOSITO, os jovens "enfrentam os mecanismos da violência urbana e vive na luta pela sobrevivência, o confronto diário com os aparelhos repressivos". (SPOSITO, 1994)

⁴¹ BOBSIN et al., 2003, p. 22.

Larrosa, em seu artigo *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, convida a refletir sobre a educação tendo como ponto de partida “o par experiência e o sentido desta”.⁴² O mesmo autor lança um olhar de criticidade ao sistema que constitui e promove uma sociedade que centra seu investimento sob o signo da informação, o que a torna incapaz de construir saberes a partir da experiência.

[...] uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível. [...] a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião [...] o sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. [...] A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento [...]⁴³

As considerações tecidas por Larrosa sobre a importância da experiência no processo de produção do saber ratificam a *práxis educativa* experienciada no trabalho com jovens no DNAJ⁴⁴. Visto que sociabilidade sugira o espaço de vivência em sociedade, esta experiência é pessoal, irrepetível e intransferível, precisando ser internalizada em cada pessoa que se lança ao desconhecido, construindo-se a partir das relações que estabelece. Larrosa vai mais longe quando qualifica “o experimento como genérico, que produz acordo, consenso ou homogeneidade entre sujeitos.”⁴⁵

Paulo Carrano, em seu artigo *A tradição em crise*, sugere que “a juventude é ao mesmo tempo o grupo com maior disposição para a ação política e também o menos motivado a fazê-lo nos espaços convencionais”.⁴⁶

⁴² LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, p. 20. jan/abr. 2002.

⁴³ LARROSA, 2002, p. 22-25.

⁴⁴ DNAJ até 2005. A partir de abril de 2006, este Departamento fundiu-se com o Departamento de Catequese formando o Departamento de Educação Cristã (DEC) da IECLB.

⁴⁵ LARROSA, 2002, p. 28.

⁴⁶ CARRANO, Paulo. A tradição em crise. **Revista Onda Jovem**. Ano 2 – n. 5, jul/out., 2006. p. 38.

Segmentos da IECLB que trabalham em espaços de sociabilidade, entendem que:

A problematização do tema, que foca a relação entre as ações socializadoras desenvolvidas entre os jovens, no contexto das Comunidades Evangélicas Luteranas no Brasil, e as modalidades da sua inserção e participação social na vida comunitária, insere-se numa ordem de questionamentos sociais que vem apontando para uma possível crise das *agências socializadoras* no desencadeamento de processos de sociabilidade juvenil. Instituições tradicionais como a família, a escola, o trabalho, vêm reduzidas as suas capacidades de *engajar* os/as jovens nos seus *projetos* institucionais.⁴⁷

Segundo pesquisa realizada com jovens em contexto escolar por Regina Magalhães de Souza e apresentada no livro *Escola e Juventude: o aprender a aprender*,

[...] a escola, por seu turno, não é identificada pelos jovens entrevistados como o local onde é possível aprender, ou, melhor dizendo, é reconhecida como local de aprendizagem apenas na medida em que possibilita a existência de uma ativa sociabilidade juvenil.⁴⁸

Disto podemos inferir que o espaço de sociabilidade se forma a partir da organização de espaços, onde cada sujeito viabiliza como território.

Estes espaços traduzem ou imitam o primeiro espaço de contato que a pessoa possui – a família.

O papel crucial da família, como responsável pela construção dos projetos de vida do adolescente, assim como dos seus valores e crenças, se dá na medida em que ela é o palco onde se vive e aprende as primeiras cenas, buscando o equilíbrio entre o real e o imaginário. Desse modo, à luz da compreensão sistêmica, onde cada sujeito somente pode ser entendido no seu contexto familiar, considerando que qualquer mudança na família afeta todo o sistema, procuramos entender neste estudo quais as relações existentes entre crenças e valores dos adolescentes a partir da configuração dos seus núcleos familiares.⁴⁹

⁴⁷ BOBSIN et al., 2003, p. 21.

⁴⁸ SOUZA, 2003, p. 113.

⁴⁹ WAGNER, Adriana; FALCKE, Denise; MEZA, Eliane Böttcher Duarte. Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. **Revista Psicologia:**

Resgatando as palavras de Kofi Annam, secretário geral da Organização das Nações Unidas (ONU), “uma sociedade que se coloca à margem da sua juventude renuncia à própria vida”⁵⁰, remonta a importância dos segmentos que trabalham com juventudes, nos quais se insere a IECLB.

[...] a força exercida pela Igreja Luterana na conformação da identidade jovem, estabelece laços de interação instáveis, difusos e provisórios – [...] compete com outros quadros culturais [...] em contextos acentuadamente pluralistas e [...] segmentados - vem definindo modalidades de práxis teológica emancipadora apontando para modalidades de consciência crítica primando pela inserção e participação do jovem na vida social, no compromisso ético na elaboração da crítica social e na transformação do ser humano.⁵¹

O comprometimento ao efetivar serviços de acompanhamento a este público, além da responsabilidade em formular questões essenciais “para a vida humana em sociedade”⁵², poderia auxiliar impedindo o isolamento social desses grupos jovens. Estas atuações são a preparação e o resgate das pessoas para a vida, onde a vivência resulta na formação de uma identidade que se constrói a partir do exercício pessoal e coletivo de cada indivíduo. Neste processo são estabelecidas relações resultantes da participação construtiva, obtendo-se como resultado o protagonismo, tema que será discutido a seguir.

1.3 – PROTAGONISMO JUVENIL

O tema *protagonismo* está sujeito a diferentes olhares e interpretações. Vários autores mencionam que “protagonismo está ligado à formação de

Reflexão e Crítica. PUCRS, v. 10, n. 1, Porto Alegre, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 20 out. 2007. p. 6.

⁵⁰ ANNAN, Kofi. Discurso proferido na 1ª Plenária (tarde), de 08 ago. 1998. **Abertura da Conferência Mundial dos Ministros Responsáveis pela Juventude**. Lisboa, Portugal. Disponível em: <<http://www.un.org/events>>. Acesso em: 27 nov. 2007. p. 1.

⁵¹ BOBSIN et al., 2003, p. 6.

⁵² ABRAMO, Helena W. Quais Direitos? **Revista Onda Jovem**, ano 2 – n. 5, jul/out. 2006. p. 36.

cidadania”⁵³. FERRETTI et al. referem a citação de Ezcámez e Gil⁵⁴ que “discutem a questão da responsabilidade em uma abordagem que permite a aproximação do conceito de protagonismo tal como usado pelos outros autores antes citados”⁵⁵. Maria Eleonora D. Lemos Rabêllo especifica um pouco mais o termo quando diz que “protagonismo é a atuação de adolescentes e jovens, através de uma participação construtiva”⁵⁶.

Costa, em seu artigo *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*, define protagonismo de uma forma mais abrangente, englobando de forma sintética os conceitos anteriores onde a ação protagônica acontece:

Protagonismo juvenil é o método de ação social e educativa capaz de possibilitar ao jovem o desenvolvimento da sua cidadania, por meio de geração de espaços e situações propiciadoras da sua participação criativa, construtiva e solidária na solução de problemas reais na escola, na comunidade ou na vida social mais ampla.⁵⁷

Embasado pelas definições acima, podemos dizer que protagonismo juvenil é um termo que está em pauta em diversos segmentos da sociedade e tem como alvo de atuação a adolescência e a juventude. É resultado dos espaços de empoderamento⁵⁸ criados e fomentados por segmentos que chamaremos aqui de agências socializadoras. São estas instituições organizadas que promovem espaços de sociabilidade que oportunizam o desenvolvimento social e cultural, a construção

⁵³ BARRIENTOS, G.; LASCANO, R. **Informe sobre protagonismo infantil**. Fortaleza, 2000. Disponível em: <www.imagine.com.ar/yachay/protagonismo.htm>. Acesso em: 21 mai. 2007.

⁵⁴ ESCÁMEZ, J.; GIL, R. **O protagonismo na educação**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

⁵⁵ FERRETTI, Celso J.; ZIBAS, Dagmar M. L.; TARTUCE, Gisela Lobo B. P. Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, maio/ago. 2004. p. 4.

⁵⁶ RABÊLLO, Maria Eleonora D. Lemos. **O que é protagonismo juvenil?** Disponível em: <www.edeca.org.br>. Acesso em: 13 mar. 2007, p. 1.

⁵⁷ COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

⁵⁸ Empoderamento é estar presente e ativo na luta pela reivindicação da própria voz, da própria história e do próprio futuro. (nota do autor)

de processos formadores de identidades e subjetividades, capazes de intervir em contextos de sociabilidade juvenil, quer sejam ou não contextos de vulnerabilidade, com políticas de ação onde os sujeitos desenvolvem uma autonomia assistida, não por isto menos constitutiva de uma identidade emancipadora. Essas agências dão visibilidade aos desafios que se colocam no dia-a-dia das pessoas, problematizando e promovendo uma mudança cultural dos agentes envolvidos com tal situação que resultam na mediação e transformação de uma realidade.

Vale dizer que essas agências reúnem pessoas que têm identidade com o público infanto-juvenil e que assumem a tarefa de acompanhantes propositivos. Com uma postura mais provocativa na elaboração de perguntas a serem refletidas, fomentadoras de novas leituras e possibilidades, o objetivo dos acompanhantes é conduzir a um processo de transformação da realidade que sinalize com perspectivas concretas atendendo as necessidades colocadas para a vida.

O Protagonismo Juvenil significa, tecnicamente, o jovem participar como ator principal em ações que não dizem respeito à sua vida privada, familiar e afetiva, mas a problemas relativos ao bem comum, na escola, na comunidade ou na sociedade mais ampla. Outro aspecto do protagonismo é a concepção do jovem como fonte de iniciativa, que é ação; como fonte de liberdade, que é opção; e como fonte de compromissos, que é responsabilidade.⁵⁹

A autoconfiança presente na vida das pessoas jovens possibilita aos educadores um acompanhamento concreto, promovendo um processo de autodeterminação⁶⁰. Para Daunis, “a tarefa de elaborar ou encontrar identidade pessoal implica autonomia, autodeterminação, individuação do *self*, sentido de

⁵⁹ **Protagonismo juvenil.** Disponível em: <<http://www.protagonismojuvenil.org.br/portal/protagonismo.asp>>. Acesso em: 14 jun. 2007.

⁶⁰ Autodeterminação - ato ou efeito de decidir por si mesmo; livre escolha do próprio destino (Houaiss, 2001).

coerência e continuidade.”⁶¹ Deste exercício acompanhado surgem jovens atores que marcam seu protagonismo na história, em meio aos desafios postos por uma sociedade dividida e excludente. O protagonismo reúne dois princípios fundamentais. De acordo com Lullianeli,

[...] *co-responsabilidade* – onde os jovens são responsáveis pelo destino da sociedade em que vivem juntamente com os demais segmentos da sociedade. Um segundo princípio é a *melhoria da qualidade de vida*, onde a juventude tem o direito de agir, sente-se comprometida com esta ação, a fim de construir uma nova realidade que atenda às necessidades de sua vida e de sua comunidade.⁶²

A partir desta configuração, temos um perfil de juventude comprometida profundamente com a vida comunitária, ciente de seu papel dentro da sociedade, contrapondo-se ao sistema que insiste em desqualificar seu potencial, sua consciência política e seu exercício cidadão.

[...] uma experiência de ação social organizada de jovens, não usa o termo “protagonismo”, e sim, “participação social”, ou “intervenção social”, ou “ação solidária”, relacionando essas expressões à “socialização para a cidadania.”⁶³

O protagonismo juvenil tem sua base calcada na educação para valores a partir da experimentação dos mesmos. Ao passo que realiza a ação, também é o próprio alvo desta ação, ou seja, é sujeito nas duas situações. Através destes experimentos, que chamaremos de *vivências*, por entendermos que a juventude não pode ser encerrada em um tubo de ensaio, vão oportunizar a construção de competências duradouras considerando as ações aprendidas e apreendidas.

⁶¹ DAUNIS, Roberto. **Jovens**: desenvolvimento e identidade – troca de perspectiva na psicologia da educação. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 112.

⁶² LULIANELLI, Jorge Atílio. A corajosa necessidade de ser jovem. **Tempo e Presença**, nº 321, p. 12, 2002.

⁶³ FERRETTI et al., 2004, p.4.

Todas as ações propostas pelo espaço do protagonismo juvenil relacionadas às ações coletivas, têm os seus próprios atores. Estas ações não pressupõem a geração de lideranças individuais, mas sim participação por meio da ação da juventude e cooperação social, caracterizando-as como protagonismo coletivo.

[...] Nessa confluência, é possível identificar os obstáculos e os desafios para a constituição de um novo desenho político democrático que conceba os jovens, em sua diversidade, como sujeitos de direitos e não mais como eventuais focos de problemas sociais que mereçam, por parte do poder público, um conjunto de ações reparadoras ou de controle social.⁶⁴

A partir disso, entram em cena os educadores, que não são reféns dos discursos juvenis, mas têm a função de contextualizar, problematizar e mediar a construção do conhecimento, ampliando o universo cultural, com a promoção da autonomia⁶⁵ das juventudes na construção de um compromisso cidadão experimentando com a participação das pessoas jovens.

Essa formação para a chamada “moderna cidadania”, além de atender uma exigência social, viria responder às angústias de adolescentes e jovens diante da efemeridade, dos desafios e das exigências das sociedades pós-modernas e, também, perante as novas configurações do trabalho. O protagonismo é encarado, nesse sentido, como via promissora para dar conta, tanto de uma urgência social quanto das angústias pessoais dos adolescentes e jovens.⁶⁶

Contudo, todo este acompanhamento realizado pelos educadores deve ter no horizonte a promoção da autonomia, ou seja, promover a capacidade de agir a partir de valores já internalizados, de reconhecer o que está de acordo com ideais, de identificar oportunidades para viabilização de projetos de vida. Esta autonomia é

⁶⁴ SPOSITO, Marília. Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo, **Ação Educativa**, 2003. p. 6.

⁶⁵ Autonomia - direito de um indivíduo tomar decisões livremente; liberdade, independência moral ou intelectual. (Houaiss, 2001)

⁶⁶ FERRETTI et al., 2004, p. 3.

resultado da expectativa, do desejo, do sonho, da esperança, da confiança, da autoestima juvenil que, assistida e capacitada, intervém no contexto onde vive, e por onde *gira* a sua vida, para transformá-la em algo melhor ao que está dado.

A autopercepção é o primeiro passo para refletir sobre a identidade pessoal e para percebê-la como tal, pois identidade pressupõe autoconhecimento, capacidade de perceber-se e tornar-se consciente de si mesmo⁶⁷.

Daunis, ao discorrer sobre esse tema, escreve que a juventude através de seu protagonismo faz ensaios do que podemos chamar de sociedade humanizada, “resultado da interação entre as pessoas conscientes de si mesma.”⁶⁸ Hammes menciona “ser jovem passou a ser símbolo de novidade e, a juventude adquirida, força de transformação social”⁶⁹.

Portanto, acordando com Machado, quando diz: “Os caminhos do fazer historiográficos são múltiplos. O cenário é de otimismo, os debates são fecundos e necessários. É preciso que não se tenha medo de ousar, criar, inovar e experimentar.”⁷⁰, dando-nos conta de que devemos deixar *fluir* nossa sabedoria, observando sempre os princípios éticos que nos foram ensinados na menor célula da sociedade que é a família. Só assim compreenderemos, por menor que seja nossa contribuição na formação de uma pessoa jovem, que sempre será de grande valia. Em outras palavras, não podemos *cruzar nossos braços*, mesmo que, se apenas pudermos recuperar ou ajudar um só jovem, ainda assim, terá valido a pena e nosso esforço não terá sido em vão!

⁶⁷ RICOUER, Paul. O si mesmo como um outro. Campinas, 1991 apud DAUNIS, Roberto. **Jovens: desenvolvimento e identidade – troca de perspectiva na psicologia da educação**. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 101.

⁶⁸ DAUNIS, 2000, p. 115.

⁶⁹ HAMMES, Lúcio Jorge. **Aprendizados de convivência e a formação de capital social: um estudo sobre grupos juvenis**. 2005. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UNISINOS. São Leopoldo, 2005. p. 25.

⁷⁰ MACHADO, Fernanda Quixabeira. Por uma história da Juventude brasileira – **Revista da UFG**, Vol. 6, n. 1, jun. 2004, Disponível em: <www.prec.ufg.br>. Acesso em: 18 ago. 2007.

1.4 – EMPODERAMENTO

O termo empoderamento foi abordado neste momento, por acreditarmos que é pertinente e conseqüente de etapas que antecedem toda a vivência da juventude em busca de sua cidadania. Além de o jovem ser um agente ativo e responsável em sua busca, e isto é uma forma de empoderamento, junto a espaços de sociabilidade onde ocorrem as ações organizadas e comprometidas com os segmentos menos pródigos de recursos, desenvolve protagonismo social com conseqüente empoderamento. Assim sendo, elencamos, em um processo dialógico, conceitos formulados por pesquisadores com uma visão sociológica da juventude e a *práxis* educativa desenvolvida.

Partindo desse pressuposto, temos que:

Empoderamento significa em geral a ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos sociais. [...] O empoderamento possibilita tanto a aquisição da emancipação individual, quanto à consciência coletiva necessária para a superação da “dependência social e dominação política.”⁷¹

Segundo Lulianelli, em seu artigo *Protagonismo político-social dos jovens: “Empoderar seria fazer com que aqueles grupos sociais, a partir do poder adquirido, sejam os senhores do próprio destino – não há intervenientes, nem corresponsáveis”*.⁷²

Permitimos-nos dizer que o empoderamento, enquanto resultado de experiências e experimentos realizados nos espaços de sociabilidade e protagonismo, pode resultar em uma postura solidária e consciência cidadã. Por

⁷¹ PEREIRA, Ferdinand Cavalcante. O que é empoderamento (Empowerment). **Sapiência**, ano III, n. 8, Informativo Científico da FAPEPI, 27 nov. 2006, p. 1.

⁷² LULIANELLI, 2002, p. 15.

outro lado, dependendo do propósito de espaço de sociabilidade, em algumas situações estes não colaboram na construção de uma identidade comprometida com valores que resgatam ou promovam a vida.

Un grupo “empoderado” es un actor capaz de exigir una cuota importante de participación para definir qué es lo que demanda de los agentes públicos. En otras palabras, la caracterización de qué lo constituye un grupo beneficiario de las políticas, en este marco, posa por admitir que los grupos sociales “destinatários” serán capaces de definir con algún grado de éxito qué es lo que ellos entienden como beneficios.⁷³

Portanto, sem pretender desqualificar ou questionar os espaços de sociabilidade juvenil de cunho social, almejamos ter presente e, por vezes, lançar mão de um olhar crítico sobre a *práxis*, postura e compromisso da igreja em sua prática com políticas efetivas de acompanhamento construtivo como oferta a este público. Frisamos que, quando falamos de *políticas efetivas de acompanhamento construtivo*, entendemos como parte deste processo os gestores, educadores e educandos, independentemente da formação que cada um possui, ou seja, leigo ou religioso.

Ainda que em algumas situações as políticas públicas sejam usadas como recurso de *manobra*, a igreja, em seu princípio, deve promover ações sem pretender formar um grupo de sustentação futura. As igrejas servem como redes de serviço – diaconia – que deve calcar/sustentar sua prática no testemunho do Evangelho de Jesus Cristo. Com isto, não pretendemos aqui coibir a animação de pessoas ao engajamento de jovens em projetos institucionais. A prática não pode estar centrada no crescimento de jovens com vínculo religioso, mas com o testemunho de uma proposta de vida, que vai além das *fronteiras* da igreja.

⁷³ ATRIA, Raúl et al. Capital social: concepto, dimensiones y estrategias para su desarrollo. **Capital social y reducción de la pobreza en América Latina y el Caribe**: en busca de un nuevo paradigma. Santiago do Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe-University of Michigan Press, 2003, p. 581-590 apud Hammes, 2005, p. 169.

É tarefa da igreja assistir, acompanhar, confiar, oferecer suporte e mobilização à juventude em seus projetos. No entanto, não pode ser tarefa da igreja pautar as ações a serem desenvolvidas pela juventude. Onde isto ocorre, não há espaço de sociabilidade e protagonismo e não ocorre o empoderamento. A igreja precisa sim, lançar um olhar à juventude enquanto sujeitos de direito, oportunizando a efetivação dos anseios, identificando suas necessidades e possíveis soluções.

CAPÍTULO 2 – OLHARES DA JUVENTUDE SOBRE SEU ESPAÇO SOCIAL NO CONTEXTO ECLESIAL

Neste capítulo, arrolamos falas de pessoas que responderam à pesquisa, contemplando diferentes contextos e regiões geográficas do país, com representação urbana e rural proporcionalmente, levando em conta suas peculiaridades e diferenças.⁷⁴ A partir destas, comentamos suas percepções e seus anseios considerando nossa práxis educativa. Fazemo-lo com a intenção de ouvir a juventude e pessoas que trabalham com o público foco desta investigação, na expectativa de que este estudo contribua no processo de construção de políticas de trabalho com jovens em contexto eclesial. Entendemos este processo como dialógico.

Na formulação das perguntas desta pesquisa tomamos como base o método dialógico de Paulo Freire⁷⁵, que propicia a problematização das vivências dos indivíduos e as circunstâncias do grupo dentro do contexto sócio-político em que estão inseridos. Desta forma, entendemos que o exercício de formulação das respostas, e de igual modo nossas inferências, retoma o ato do saber como ação reflexiva.

⁷⁴ O autor, ao convidar por e-mail as referidas pessoas para participarem da presente pesquisa, informou sobre o seu objetivo e sobre o uso das respostas, a serem transcritas na íntegra na dissertação de mestrado, mediante a preservação da privacidade de cada pessoa entrevistada, sem referir seus nomes e outros dados pessoais.

⁷⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. p. 45-46.

As necessidades identificadas poderão servir para futuras mudanças nas políticas adotadas em âmbito eclesial. Com isso, este trabalho se propõe a servir de fomentador de possibilidades entre atores.

As falas relacionadas são de pessoas envolvidas com o contexto eclesial, sendo que algumas ocupam funções de coordenação da Juventude Evangélica (JE) na IECLB.

As pessoas convidadas a participarem desta pesquisa responderam as perguntas, postas sob forma de questionário, com total liberdade. Deste modo, poderiam respondê-lo na íntegra ou em partes, aleatoriamente, ou ainda na forma de texto.

2.1 – DIALOGANDO COM ENTREVISTADOS

A seguir estão pautadas as perguntas e as respostas intercaladas com as nossas inferências. As questões formuladas para esta pesquisa foram elaboradas considerando a práxis realizada no trabalho com jovens. As respostas recebidas, e transcritas *ipsis litteris*, foram reunidas por grupos de perguntas, isto é, todas as respostas da questão 1 estão na questão 1, e assim sucessivamente. Entendemos que esta forma de apresentação facilita a compreensão por mostrar a opinião geral de todos os entrevistados para cada argüição. Assim temos:

Questão 1 – Como percebes o espaço da juventude na Igreja? E o teu espaço? Como o ocupas?

Entrevistado 1 – É um espaço muito amplo. Sou convidada e desafiada a participar de inúmeras atividades, tanto daquelas em que se aprende quanto daquelas em que se ensina. Procuo não desperdiçar a chance de mostrar serviço, participando ativamente como líder jovem e membra (*sic*), bem como auxiliando na organização dos eventos promovidos pela Comunidade.

O espaço da Juventude dentro da igreja é muito amplo, mas ocupado por poucos, somos desafiados a trabalhar em conjunto, mas poucos estão preparados para isso, são poucas lideranças jovens, que trabalham no reino de Deus, porque o mundo oferece outras coisas e oportunidades, que muitos acham de maior importância. A Juventude é muito importante para o crescimento ou desenvolvimento da igreja, porque nos jovens somos o presente e o futuro dela.

Entrevistado 2 – Olho para a juventude nas igrejas como um espaço que necessita de apoio e incentivo. Ao mesmo tempo a juventude é expressão de criatividade e força. Mas não há jovens numa comunidade cristã porque as músicas são bonitas ou porque é "legal". Os jovens que estão nas comunidades são fruto do trabalho de educação cristã, desde a infância. Como liderança na Igreja, acredito que há grandes desafios para ocupar este espaço. Por exemplo: o que significa realmente "trazer jovens pra Igreja?" Para mim tem muita relação com "manter jovens na Igreja". Através de alguma atividade específica é possível despertar jovens para uma vida de fé mais atuante. Mas o que realmente mantém o jovem é sua caminhada, sua vivência, sua história. Isso também tem a ver com sua família. A ação jovem não tem a ver com algo da hora, do momento, mas com algo que sempre existiu no coração deste jovem e que, por alguma maneira, ressurgiu neste instante e pode ser mantido.

Entrevistado 3 – A resposta a esta questão, assim como as seguintes, remeterá mais a uma caminhada passada do que a atual. Tendo, durante alguns anos, participado das lideranças de juventude, em diferentes esferas (na comunidade, sínodo e na equipe nacional), de fato acreditava na possibilidade de construção de um espaço para juventude. Construção porque, pra mim, havia uma distinção entre o discurso da participação do jovem na IECLB e a importância dada a real participação da juventude na mesma. Hoje – na faixa etária dos 25 anos (desde alguns anos é verdade) - percebo ainda mais a ausência de um espaço específico para tal público. Que acaba incorporado nas atividades que correspondem ao público mais amplo, como por exemplo, a participação nos cultos. Visto que, na maioria dos casos, os grupos de juventude possuem faixa etária mais nova que a minha – o que não é ruim em si, mas indica a ausência de propostas para pessoas que saem destes grupos de juventude. E tendo, infelizmente, percebido um desmantelamento, fruto de um descaso e abandono do trabalho com as pastorais universitárias na IECLB.

Entrevistado 4 – Creio eu que bem amplo, devido a todas as áreas de atuação da nossa igreja, oferecendo e possibilitando atividades dos mais diferentes interesses. Sendo útil para as mais diversas ocupações, atuo como tocador de trombone, em grupos de canto, participo das atividades com jovens e sou do Conselho Fiscal de minha Comunidade.

Entrevistado 5 – Tenho uma crítica um pouco grande sobre esta questão, em nível de paróquia e sínodo percebo que temos um grande apoio e que podemos dar a nossa opinião e sabemos que seremos atendidos. Há um grande clamor por trabalho com jovens e vejo que realmente estão dando importância para as pessoas que querem ajudar neste trabalho. Mas em nível nacional sinto que há uma espécie de mal-entendido, os "adultos" querem que os jovens caminhem com suas próprias pernas até aí não vejo nenhum problema até sou a favor disso, mas onde mora o perigo para mim é que nossa igreja não dá seu voto de confiança, o que eu penso mas quero que seja mentira é que infelizmente pessoas de nossa igreja não acreditam na juventude de sua própria igreja. Fico muito triste ao ver que não temos nenhum jovem com menos de vinte e cinco anos que trabalhe na secretária de nossa igreja.

Entrevistado 6 – É um espaço de partilha e comunhão de diferentes pessoas e personalidade, sendo que há algo que os une, no caso, a crença em Deus e na sua existência. Mas acredito que ainda falta uma unidade entre os jovens, para que realmente ocupem seu espaço.

Tenho um trabalho ativo dentro da Igreja, porém, é algo que ainda não está fortalecido. A minha contribuição é fazer uso dos dons que tenho em prol de algo que me fortalece como pessoa. Porém, em diversos momentos há certo desânimo, já que não vejo a valorização de todo um esforço. Mas mesmo assim, freqüente cultos, grupos de jovens e as mais diversas atividades que a Igreja realiza.

Entrevistado 7 – A juventude sempre foi vista com bons olhos, por trazer mais alegria e ânimo juvenil à Igreja, mas ao mesmo tempo com cautela por criar moda e estar sempre em busca de novidades e mudanças. Ocupei meu espaço na Igreja desde criança e agora, na juventude, participo ativamente do grupo de jovens, dos cultos, momentos de canto, do coral, sempre tentando me espelhar no exemplo de Cristo Jesus para contribuir com a comunidade.

Entrevistado 8 – Dentre estes mais de 10 anos de trabalho com a juventude da igreja católica já passei por várias situações, por várias dioceses espalhadas por nosso Estado do Rio Grande do Sul, por várias cidades. Muitos cursos assessorados, muitas reuniões intermináveis, muitos encontros para celebrar a vida da juventude, muita esperança na construção de uma sociedade mais justa, o Reino de Deus. Forma muitos os espaços ocupados por mim deste o início de minha militância na PJ, do grupo de base, as reuniões da cidade, reuniões da diocese, do interdocesano, reuniões regionais/estaduais, reuniões com outras Igrejas e outros movimentos. Ocupei muito o espaço de articulador, de facilitador, daquela figura que sempre está incomodando para que as coisas aconteçam para que o sonho, a teoria, se torne realidade concreta, que os jovens tenham uma vivência de fé, e um processo de formação integral engajados com o compromisso de uma nova igreja, de uma nova sociedade.

Mas nos dois últimos anos, o meu espaço dentro da igreja, se resume em algumas assessorias aqui ou ali. É claro que isso faz parte do processo, aos poucos vamos nos desligando do cenário de fazer as coisas acontecer para acompanhar e dar uns “pitacos” de longe. Às vezes sinto falta desta vida mais engajada, desta vida mais militante dentro da igreja, mas não tenho mais espaço para realizar isso. Esse é o grande problema das igrejas, não dão suporte para que os jovens continuem realizando os trabalhos em que acreditam, às vezes não apostam nestes jovens para que continuem militando em outros espaços da igreja, como a liturgia, o apostolado.

Quanto à primeira pergunta, os entrevistados responderam que os espaços estão delineados, mas não necessariamente possuem uma especificidade capaz de garantir a coesão entre o discurso e a prática. Isto sugere que os programas de trabalho com juventudes no âmbito da igreja possam estar fragmentados, desestimulando, muitas vezes, os jovens em manter vínculo continuado. É possível

intuir ainda que a igreja tenha dificuldades de propor espaços alcançando este público em suas necessidades.

A questão a seguir foi formulada com o intuito de que explicitassem o que buscam no serviço da igreja e com que intensidade são atendidas suas necessidades.

Questão 2 – O que buscas na Igreja e que retorno tens?

Entrevistado 1 – Busco, além da palavra de Deus, a vivência comunitária, que é a forma mais genuína e bela de se viver. Por isso, posso afirmar que sou realizado dentro da Igreja. Faço tudo com muita alegria, e recebo isso de volta.

Entrevistado 2 – Busco espaço de comunhão fraterna, de assumir a fé como forma de vida e não como algo a que me seguro quando estou fraco e necessitado. Busco na Igreja espaço para falar e ser ouvido, criticar e sugerir mudanças. Participar!

No entanto, o que vejo, muitas vezes, é uma Igreja dividida em setores: crianças, jovens, mulheres, etc, etc. E nesta divisão os jovens são os que devem buscar as coisas sozinhos. Querem um retiro, pois bem, façam rifas, eventos, juntem o dinheiro e vão... Quantos adultos se preocupam em dizer: vamos ajudar nosso grupo jovem, vamos fazer algo especial para eles, para que se sintam valorizados, amados e importantes? Os comentários, em geral, não vão além de: "no meu tempo era assim ou assado".

Entrevistado 3 – Não respondeu.

Entrevistado 4 – Dar a minha contribuição para a continuidade da doutrina da IECLB e fazer parte desta história que nos dá energia espiritual.

Entrevistado 5 – Eu busco na igreja uma forma de vida sem preconceito onde podemos mostrar quem realmente somos sem ter vergonha. Um lugar onde que podemos buscar a palavra de Deus, ter uma participação na comunidade. O retorno sempre é gratificante, claro não financeiramente e nem com elogios, mas sempre espiritualmente, esse sim para mim é o retorno mais gratificante, poder ajudar o próximo.

Entrevistado 6 – Busco na Igreja o fortalecimento de minha fé, compartilhar idéias, discutir temas importantes de nossa realidade, amizades, etc. Acredito que até o momento tenho ganhado muito retorno daquilo que busco, mas algumas coisas podem evoluir.

Entrevistado 7 – Busco consolo para o dia-a-dia e motivação para enfrentar os problemas que vão surgindo no caminho. Sinto que Deus fala através da Bíblia, da pregação, dos cantos, enfim, quando saio do culto, sinto que tenho a bênção de Deus para minha vida e a presença constante do Espírito Santo dirigindo meus passos.

Entrevistado 8 – Sempre busquei na igreja a construção do Reino de Deus, até nos tempos em que passei no seminário, muito mais do que adoração, muito mais do que rezas sem sentido, sempre busquei a igreja viva, a

igreja povo de Deus, a igreja do Oprimido, a igreja da Libertação. Nunca tive retorno deste modelo de igreja dentro da instituição eclesial, e sim fora dela, nos movimentos de base, nos grupos de base, nos movimentos sociais. Ultimamente não busco nada, e nem tenho retorno de nada. Sou praticamente um cristão não praticante, pratico minha opção, meu modo de ser igreja fora das paredes da igreja, e é aqui fora que tenho mais retorno, na conversa de roda, no bate papo, na desconstrução desta igreja paradigmática que temos hoje, e na construção de uma igreja viva, de um Cristo vivo no meio de nós.

As respostas dadas a esta pergunta mostram que os entrevistados buscam na igreja um espaço de sociabilidade, mas nem sempre o encontram com a intensidade que desejam. Isto está implícito nas respostas fornecidas quando manifestam concretamente que, em algumas situações, se sentem discriminados. Por outro lado, houve respostas referindo que estes espaços fortalecem a fé, renovam esperanças e expectativas. Contudo, nota-se que esperam uma igreja comprometida com a realidade e com a vida das pessoas. Isso nos remonta ao discurso que o jovem costuma proferir – *queremos a verdade, somente a verdade, sem falsidades e hipocrisias* – comumente presentes nas relações sociais.

A questão seguinte convida a refletir sobre o impacto deste envolvimento pessoal no serviço comunitário.

Questão 3 – Se realiza algum trabalho em tua comunidade, de que forma ele contribui para o desenvolvimento comunitário?

Entrevistado 1 – Busco sempre estar por dentro e envolvida nos trabalhos da comunidade, contribuo sempre no que posso. Tudo isso contribui especialmente como injeção de ânimo e como um bom exemplo a ser seguido.

Entrevistado 2 – Para mim o maior papel da Igreja é anunciar a salvação graciosa de Deus, que experimentamos através da fé! Este não é um testemunho qualquer. Então tudo o que a comunidade realiza e tem como base esta verdade desenvolve e transforma a vida de outras pessoas. A Palavra é viva.

Entrevistado 3 – Não respondeu.

Entrevistado 4 – Como já expus as atividades, estou convicto que mais pessoas seguissem estes exemplos de forma voluntária seríamos mais família cristã.

Entrevistado 5 – Acho que qualquer trabalho seja para ajudar pessoas, seja elas, crianças, jovens, adultos, idosos ou onde as pessoas se mobilizem para um benefício a comunidade é valido para o desenvolvimento comunitário.

Entrevistado 6 – Dizer que os "grupos de jovens" são uma proposta ultrapassada é dizer uma heresia para quem compreende o que é ser jovem. Ultrapassada é a mentalidade "moderna" que não acredita mais que a felicidade está no coletivo e não acredita mais que o ser humano é essencialmente comunitário.

Entrevistado 7 – Trabalhei como presidente da Juventude Evangélica Luterana do Brasil (JELB) de 2005 a janeiro de 2007. E ao mesmo tempo concluí o curso de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina. Conciliei as duas coisas e produzi um vídeo documentário que conta a história da JELB e o perfil do jovem luterano hoje. O DVD está sendo vendido para toda a Igreja, e as pessoas têm gostado muito do resultado, dizendo ser um importante resgate da identidade luterana e também uma forma de motivar as pessoas a continuarem dedicando suas vidas e dons a serviço da igreja e para o reino de Deus. Trabalhei como presidente da Juventude Evangélica Luterana do Brasil (JELB) de 2005 a janeiro de 2007. E desenvolvemos diversos projetos para ajudar crianças carentes e a Associação de Entidades Sociais de nossa igreja.

Entrevistado 8 – Como não participo mais de uma comunidade, de um grupo de jovens, meu trabalho eclesial se resume hoje a tentar construir um processo ecumênico entre os jovens, o que não é fácil, pois o ecumenismo é só discurso entre as instituições, não é vivido na base, com fraternidade pelas comunidades. Quando estava mais inserido na PJ tínhamos muitas realizações nas comunidades, em algumas sempre era difícil o trabalho pelo preconceito dos párocos e da própria comunidade, mas os grupos mostravam através de ações que este preconceito é vazio, pois os jovens mostram que ajudando, que contribuindo, que fomentando, visitando as pessoas é possível mostrar a cara jovem que uma igreja pode ter.

Lendo com atenção as respostas relacionadas acima, onde perguntamos qual o envolvimento pessoal em serviços propostos pela comunidade e o quanto estes contribuem no desenvolvimento comunitário, percebemos uma contradição. Ainda que todos desenvolvam com maior presteza o seu trabalho, mesmo assim não estão satisfeitos com os resultados obtidos. Algo que mereceria uma investigação profunda é que a maioria dos entrevistados reforça que estas ações são de interesse coletivo – grupo de jovens, comunidade, pessoas – subentendendo a participação de todos. Porém, nas falas esta ação coletiva não revela o grau de comprometimento pessoal de cada sujeito.

A questão colocada a seguir, aproxima-se intencionalmente da primeira com a intenção de verificar até onde os *discursos* se sustentam, considerando que o foco destas perguntas está centrado no espaço e papel da juventude na igreja.

Questão 4 – Em tua opinião, para que serve a Juventude na Igreja? Qual o espaço que ela ocupa?

Entrevistado 1 – Serve para deter os jovens num estilo correto de vida, muito diferente daquele que, facilmente e infelizmente, se percebe nas ruas. A Juventude, na IECLB, é um setor fundamental de trabalho, para o qual se destina muita atenção.

Entrevistado 2 – Serve para dar testemunho da palavra de Deus. Serve para mostrar aos mais velhos que não sabem tudo e aos mais novos que há muito que aprender... Serve para questionar e para propor mudanças

Entrevistado 3 – Inicialmente essa pergunta coloca um problema de resposta: exige a homogeneização do que seja essa *tal* juventude da IECLB, em termos de propostas, programas, atividades, interesses e perfis dos diferentes grupos. Mas, tentando estabelecer uma idéia geral – e, portanto, sempre arbitrária - eu diria que dentro da IECLB, a juventude normalmente freqüenta o discurso: “são a Igreja do futuro” e por este discurso costumam nos ceder algum espaço dentro da mesma. Embora não negue iniciativas outras ao que afirmo, minha trajetória enquanto liderança da JE é recheada de elementos deste tipo. Por exemplo, tentamos, certa vez, no sínodo, fazer um levantamento dos grupos de juventude das paróquias. Para tanto enviamos um questionário a cada pastor/pastora. Obtivemos cerca de dez por cento das respostas. Enquanto trabalho nacional, bem verdade, recebemos cinco minutos em uma reunião do Conselho Nacional da Igreja. Atenção ao fato de que não estou negando qualquer iniciativa positiva, mas tentando demonstrar a assimetria destoante entre um discurso e pequenas atitudes práticas. De fato, acredito em dois elementos que me ajudam a compreender tal situação: uma “igreja do futuro” desloca a atenção do presente e, segundo, existe, na minha opinião, um imaginário maior que não deixa de pesar sobre os trabalhos em juventude e que ultrapassa a perspectiva dos trabalhos eclesiais. Aquele que prevê este período (também construído) da trajetória humana enquanto espaço de idéias com pouco *pé no chão*, com desejos desejosos demais de se colocar em prática, de coisas desmedidas para a proporcionalidade da realidade que pode ser objetivada – e aí se corta a veia de imaginar a tal igreja do futuro e de se aproveitar as potencialidades dadas nos grupos de juventude.

Desdobrando a questão, remetendo a “para que serve a Juventude na Igreja” acrescentaria que, nas andanças por aí, muitos grupos de juventude ocupam lugares primordiais nas suas comunidades. Inclusive no dia a dia da comunidade e nas atividades que a mesma desenvolve. E de fato não acredito ser menos importante, auxiliar em alguma atividade como o ‘almoço na paróquia’ ou coisa assim. Mas duvidaria de que a representação que se dá nas comunidades ajuda a pensar a IECLB de maneira mais geral. Pra mim, as pontes não estão tão bem estabelecidas.

Entrevistado 4 – Com a minha experiência na Juventude Evangélica que participei e convivi tinha-mos pouca atenção, mas nos solicitavam para cumprir tarefas.

Entrevistado 5 – Para mim no prezado momento a juventude só está sendo um espaço onde os jovens estão deixando sua vida religiosa de lado, onde estão muito mais preocupados com suas faculdades seus empregos, gostaria de ver jovens mais envolvidos nas comunidades, ou até mesmo mais envolvidos em questões nacionais. Há um grande conflito, pois muitos dizem que a juventude ocupa um espaço pessoas que só causam problemas para a comunidade. Gostaria que muitas pessoas deixassem de falar que somos o futuro, bem pelo contrário somos o presente.

Entrevistado 6 – O jovem é a esperança da Igreja, por isso os jovens precisam de uma atenção especial para encontrar a fé e seu lugar na Igreja. O maior desafio para Igreja é a aproximação da realidade dos jovens em um mundo de constantes mudanças. Apenas os jovens podem trazer para a Igreja o tipo de energia nova da qual ela necessita para desenvolver novas perspectivas e visões para o futuro. Alguns jovens podem vir com visões abertas, e poderão apontar os problemas da Igreja; outros poderão se tornar líderes experientes com conhecimentos únicos acerca de ecumenismo, direitos humanos, diálogo inter-religioso, questões sociais e outras enfrentadas pelos jovens em seus contextos.

Entrevistado 7 – A juventude serve para renovar as idéias, fazer com que as pessoas reflitam sobre costumes e tradições que já estão enraizados. Ela deve lutar por seu espaço e mostrar que tem condições de participar ativamente da liderança na igreja.

Entrevistado 8 – Mas hoje o espaço que a juventude ocupa dentro da igreja é bem pequeno, ainda mais na ICAR com o Setor Juventude, onde pega todos os movimentos jovens da igreja e coloca tudo num mesmo saco, fica difícil a construção de propostas que sejam inovadoras, pois com isso tem a empecilho que os outros movimentos, muito mais tradicionais, não optam por uma proposta, por uma preferência e uma opção de trabalho com os empobrecidos e os excluídos. A juventude hoje ocupa os espaços que sempre ocupou, e até um pouco menos, pois são poucos os jovens que participam de grupos, são poucos os jovens que querem se engajar em algo diferente, do que o tradicional, existe pouca opção hoje. E a igreja não opta por isso, não opta por instigar a juventude, em fortalecer a juventude, em apostar em pessoas para trabalhar com a juventude.

Fazendo uma análise mais densa, através da leitura das respostas, podemos destacar um sentimento de que a juventude ainda é vista na prática como a igreja do futuro. No entanto, a juventude não pretende ser a igreja do futuro e, sim, do presente, com direito à participação efetiva nos processos atuais da igreja. Esta realidade revela a urgência de políticas eclesiais de trabalho com e para este público.

Dando continuidade, os entrevistados teceram os seguintes comentários:

Questão 5 – Na tua visão qual seria o modelo de igreja ideal?

Entrevistado 1 – Seria o modelo ideal aquele que é construído diariamente com base no amor, nos nossos dons e sob as bênçãos de Deus. Todos sempre vivendo em alegria e comunhão

Entrevistado 2 – Primeiro, para mim não há modelo ideal e sim modelo ao qual me sinto mais integrado ou não. Por isso, para mim é importante aquele modelo que não está preocupado com as normas, que olha a solidariedade e a partilha de forma concreta e não apenas no discurso, que vê a dor do outro e luta para diminuí-la, que não alimenta a exclusão, mas incentiva a inclusão de todos e todas, independente de sua cultura ou raça.

Entrevistado 3 – Não acredito que exista algo dado e de uma vez por todas. A multiplicidade de pessoas – em suas faixas etárias, cores, nos espaços rurais e urbanos, falando de diferentes locais - nos indicam que só temos a ganhar com uma constante negociação do que seja igreja e mesmo religião.

Entrevistado 4 – Igreja de pessoas mais pacíficas e compreensivas.

Entrevistado 5 – Esta é uma pergunta que eu encaro como sendo a mais difícil, no momento não saberia responder.

Entrevistado 6 – A igreja ideal é uma igreja unida, onde todos vivem em união e no compartilhar do pão, onde ninguém critica ninguém. Ela é adoradora e intercessora, é atuante por parte de todos os seus membros, não havendo ninguém ocioso ou preferindo a neutralidade e isentar-se de responsabilidades.

Entrevistado 7 – Um local onde existem diversas maneiras de os membros participarem, além de apenas ir aos cultos no final de semana. Uma igreja onde os pastores possam cuidar de suas ovelhas de perto e não fiquem sobrecarregados com outros trabalhos burocráticos, para isso devem delegar funções aos líderes. Onde todos se sintam realmente parte de uma grande família.

Entrevistado 8 – Percebemos com o que estou falando que o modelo de igreja ideal seria aquele onde a base, onde as comunidades podem fazer as coisas, onde as comunidades vivam a presença de Cristo verdadeira, onde não precisa de uma estrutura, de uma instituição burocratizada para realizar o que se deseja. Uma igreja comunidade é o que acredito. Uma igreja da libertação.

Considerando as respostas recebidas nesta questão, percebemos que há certa desesperança em relação às igrejas. Ao formularmos esta pergunta, imaginamos que as respostas seriam diversificadas, porém, criativas, enumerando itens capazes de sinalizar mudanças ao modelo posto o que poderia contribuir na ressignificação do espaço eclesial e de seus propósitos. No entanto, não houve contribuições além daquelas que, de certa forma, já estão instituídas pelas igrejas.

Questão 6 – A Igreja na qual participas atende as necessidades de tua comunidade? E as tuas também são atendidas? De que forma.

Entrevistado 1 – As necessidades humanas são infinitas, neste mundo consumista. Porém, como cristãos, devemos nos preocupar apenas com algumas, que são importantes. Creio que a minha necessidade, bem como a da Comunidade, é a oferta de conforto e de ensinamentos que nos auxiliem a ficarmos próximos de Deus, a fim de que vivamos com dignidade e humildade, nos afastando, assim, das inúmeras tentações fúteis deste mundo. Mediante as atitudes que percebo, posso afirmar que esta necessidade está sendo atendida.

Entrevistado 2 – Atendem porque minha Igreja não é fechada e apática à realidade. Ela tem uma forma especial de agir e ser como Igreja e pode olhar a comunidade como parte do todo, da criação de Deus e que necessita de transformação. Se realmente está praticando suas características? Acho que há muito ainda para realizar e é bom que seja assim. Do contrário nos sentiríamos donos da verdade.

Entrevistado 3 – Não respondeu.

Entrevistado 4 – Creio que na suas atribuições faz um esforço para atender, eu tenho sido atendido quase que 100% dando espaço para expor os diversos pontos de vista.

Entrevistado 5 – Atende as necessidades, vejo que a Igreja esta sempre apoiando nas decisões que forem tomadas. No momento minhas necessidades são as de um jovem não tem de certa forma um espaço maior dentro de sua Igreja. Gostaria que o jovem pudesse mostrar mais sua cara e dizer que também faz parte da Igreja. Não posso dizer que não atende, pois estaria sendo mentiroso, mas espero um pouco mais, mas claro não ficando parado e sim ajudando a Igreja nesse processo de necessidade.

Entrevistado 6 – Se formos pensar na instituição maior a resposta seria não. Já que cada comunidade tem sua realidade, cabe a ela adequar-se com o que Igreja apresenta.

Entrevistado 7 – (Não entendi se esse termo comunidade se aplica à comunidade no sentido de congregação, ou da sociedade local em geral, mas tentarei responder).

Atende, mas poderia fazer mais. O que falta muitas vezes é planejamento das ações e comprometimento das pessoas para que os projetos funcionem. As minhas necessidades espirituais são bem atendidas e também posso dizer que a igreja sempre me ajudou a fazer muitos amigos.

Entrevistado 8 – O pouco trabalho que existe hoje com a juventude, com as comunidades é um trabalho de resistência. Não sei se estas comunidades e estes jovens estão satisfeitos se estão tendo retorno dos sonhos e das utopias que levam. Afastei-me um pouco, me distanciei para poder tocar projetos ligados a cultura. Que na verdade são os projetos que acreditava quando estava mais inserido dentro da instituição igreja, o trabalho de base, o dialogo de base, com um jeito e uma forma diferente, com uma linguagem mais popular, uma linguagem inclusiva e verdadeira.

As respostas colocadas no item 6 são de que a juventude tem suas necessidades atendidas em parte, porém, expressam que desejam mais do que é

ofertado. Nesta busca para atender suas necessidades coloca como sujeito em potencial na efetivação destas aspirações. Quando isto não acontece, as pessoas buscam fora o apoio e acompanhamentos necessários para realizar seus projetos, muitos deles gestados coletivamente no ambiente eclesial. Dito isto, é imprescindível a igreja avaliar o quanto está preparada e quais as condições que possui para atender o *clamor do seu povo*.

A questão 7 traz indicativos da participação da juventude na execução de projetos eclesiais propostos pelas comunidades.

Questão 7 – Os jovens da comunidade na qual estás envolvido(a) participam freqüentemente dos projetos?

Entrevistado 1 – Seria mentira admitir que todos os jovens da minha Comunidade participam freqüentemente dos eventos a eles destinados. Porém, aqueles que vemos com mais freqüência na Igreja, costumam participar. É uma pena que, às reuniões da Juventude, que acontecem semanalmente, comparece um número tão pequeno destas pessoas. Observando este fato, concluo que os jovens não gostam nem um pouco de encarar um compromisso sério.

Entrevistado 2 – Apesar de não termos um grupo de jovens que se reúne todos os sábados, o envolvimento dos jovens na vida da comunidade e da sociedade acontece a partir da realidade e necessidade existente. Neste sentido, acredito que o jovem ocupa seu espaço quando olha para a sociedade onde vive e pode colocar em prática aquilo que experimenta dentro da comunidade cristã e seus ensinamentos.

Entrevistado 3 – Não respondeu.

Entrevistado 4 – Quando convidados e valorizados fazem uma grande diferença em todos/as áreas dando sua contribuição especial.

Entrevistado 5 – Em quase todos os projetos que a comunidade desenvolve tem um jovem envolvido, mas isso é possível porque os membros da comunidade dão espaço para jovem poder ser ouvido e poder se expressar, caso essa “liberdade” não existisse certamente não teríamos tantos jovens ativos na comunidade.

Entrevistado 6 – Na comunidade da qual faço parte, há uma escassez da Juventude. Infelizmente existem no momento diversos problemas que acarretaram tal situação.

Entrevistado 7 – Os jovens estão sempre dispostos a ajudar, mas quando o projeto não sai do papel aí eles desanimam. Há um projeto desenvolvido por jovens da nossa igreja que se chama FOME 29. E apenas os jovens participam refletindo durante um final de semana sobre a fome no mundo e pedindo alimentos e doações em dinheiro para serem enviados a Entidades Sociais da igreja.

Entrevistado 8 – Projetos que trabalham com a vida, com a lógica da vida. Que incentivam a juventude a sonhar, a pensar, a refletir, a rezar de uma forma não mecânica. Penso que as juventudes, não só a da ICAR, mas os das outras igrejas estão mórbidas, paradas, um pouco por conta da realidade capitalista e neoliberal, mas em boa parcela por culpa da instituição igreja que não aposta no rosto jovem, nas idéias jovens, na mudança que isso pode trazer para a igreja e as comunidades.

Ao finalizarmos as leituras postas na questão 7, as mesmas possuem uma conotação de desabafo e crítica. Isto se deve ao sentimento de marginalização à qual está relegada a juventude dentro da igreja, como parte de um corpo fragmentado. Este desabafo revela que há um processo de exclusão e negação do que é diferente aos modelos outrora experimentados. Poderíamos aqui recuperar a dimensão feroz do saudosismo destrutivo, quando se diz *no meu tempo era assim e*, com isto, tolhendo novas possibilidades sinalizadas. Gadotti⁷⁶, em seu artigo *Protagonismo juvenil: alguns aspectos teórico-metodológicos*, corrobora com este pensamento quando menciona que a apatia do jovem em relação ao protagonismo juvenil está fortemente atrelada ao *pensamento adulto*, em outras palavras, de configuração adulta.

Ao perguntarmos pela satisfação dos jovens com o serviço da igreja, respondem:

Questão 8 – Os jovens estão satisfeitos com o trabalho da Igreja na comunidade?

Entrevistado 1 – Tentei responder a esta pergunta pensando nos jovens que compõem o grupo da Comunidade. Infelizmente pude perceber que estão insatisfeitos com a Igreja. Porque dificilmente dão o valor que ela merece, não se importam muito com os trabalhos realizados. Porém, acredito que o problema não advém apenas desta instituição, mas também do próprio jovem e da sua família, que ainda não compreenderam o que Deus e a Igreja esperam deles.

Entrevistado 2 – Não. Eles nunca estão satisfeitos e isto é ótimo.

⁷⁶ GADOTTI, Moacir. **Protagonismo juvenil: alguns aspectos teórico-metodológicos**. Fórum de Educação, 2002. Disponível em: <<http://www.forumeducacao.hpg.ig.com.br/ecopedagia/Protagonismo.htm>>. Acesso em: 31 jul. 2006.

Entrevistado 3 – Não respondeu.

Entrevistado 4 – Vejo que os nossos jovens deste mundo de desenvolvimento buscam algo que os cativa e estimule para serem a continuidade de nossa linda história de cristãos.

Entrevistado 5 – Os jovens estão satisfeitos, mas sempre com aquele gostinho de quero mais, acho que não podemos para porque já está bom, temos que sempre aperfeiçoar em conjunto, Igreja e Comunidade.

Entrevistado 6 – Acredito que satisfação é algo realmente complicado, pois em ambiente algum podemos satisfazer a todos. Porém, há como se chegar a um senso comum, mas posso crer que ainda faltam inúmeras atitudes tanto dos jovens, quanto da Igreja, para que se haja um fortalecimento do trabalho e, automaticamente, satisfação. . Daqui para frente, nossa atitude em relação ao lugar da juventude deve mudar significativamente porque o contexto em que foram construídas tantas alternativas nos aponta para a questão central: a juventude expressa e realmente é revelação de Deus para a Igreja e para a sociedade.

Entrevistado 7 – É sadio que os jovens nunca estejam satisfeitos com o que está sendo feito, e sempre estejam em busca de novos projetos e querendo ajudar cada vez mais ao próximo. Mas acredito que muitos jovens sintam o que eu sinto: que a igreja muitas vezes age de forma tímida na comunidade, sendo fechada a servir às necessidades dos membros. Mas há muitos exemplos bons, em que a igreja está agindo e fazendo a diferença na comunidade local.

Entrevistado 8 – É pouca a opção. Mas como diz a música tanto cantada pela juventude da PJ “Levo nesta mala de garupa todo o coração que tiver, a missão é grande e o desafio é bem maior, solte o grito preso na garganta, somos Pastorais da Juventude, outro mundo é possível vamos fazer”.

Questão 9 – Indique 3 ênfases que julgas importante para o trabalho com juventudes.

Entrevistado 1 –

- Desenvolver estudos consistentes, que possam dar tranqüilidade pra eles quando forem testemunhar.
- Atividades que fortaleçam a comunhão.
- Trabalho social de jovens com jovens, ou seja, estimular o jovem a ser voluntário, mas de forma com que isso seja prazeroso.

Entrevistado 2 –

- a comunicação para os jovens e entre os jovens;
- o apoio dos adultos para os trabalhos com jovens;
- ver o jovem como parte do todo da Igreja e não como um grupo separado

Entrevistado 3 – Não respondeu.

Entrevistado 4 –

- Criar ONG de assistência ao menor desamparado para cada sínodo.
- Promover gincana online de perguntas bíblicas no site luteranos (JE)
- Promovendo e despertando as habilidades (dons) para inclusão social, dando oportunidades de terem sua 1ª atividade profissional.

Entrevistado 5 – Não respondeu.

Entrevistado 6 – Quando tivermos uma igreja capaz de olhar para juventude e ver nela o rosto de Deus, teremos uma igreja jovem, uma juventude que é igreja e quer transformá-la, apresentá-la como novidade

ao mundo. Em geral, quando crescemos na fé, desenvolvemos nossa intelectualidade e amadurecemos nossos sonhos temos necessidade de responder a questões mais amplas que as possibilitadas pela comunidade eclesial. Isto faz parte da dinâmica da própria fé, que prepara os cristãos para a atuação em outros ambientes. Na medida em que conquistamos autonomia, queremos vivenciar isto. Aí começa o choque com a comunidade de fé. Muitas delas têm dificuldade de se relacionar com pessoas autônomas, dificultando assim o entendimento do momento em que estas pessoas vivem. Por isso, se faz urgente uma aproximação entre fé e ciência, igreja e universidade.

Entrevistado 7 –

- Estudo da Bíblia, contextualizando para a nossa realidade atual.
- Envolver os jovens em um projeto maior em benefício à igreja ou à comunidade em geral.
- Fazer com que os jovens criem laços fortes de amizade para o dia-a-dia, fora das portas da igreja.

Entrevistado 8 – Não respondeu.

Tomando como base a pesquisa realizada em 2003, intitulada *Sociabilidade juvenil: contexto religioso e sua inserção social*⁷⁷, podemos verificar que, quanto às atividades eclesiais, as opiniões dos jovens não diferiram consideravelmente daquela pesquisa para a presente. É possível perceber que as falas relacionadas na pesquisa atual indicam uma fragilidade das relações e das ações promovidas pela igreja. Disso advém que são delicados os laços estabelecidos entre estes agentes, o que compromete uma definição de identidades juvenis e, de igual modo, compromete o empoderamento deste grupo.

O sentimento de auto-exclusão é relacionado diretamente em algumas respostas obtidas. Entretanto, esta impressão não impede a idealização de um outro *modelo* para a instituição em foco, onde tenham seus anseios atendidos em maior abrangência. Para que este novo modelo seja inaugurado, entendem-se como sujeitos ativos na construção deste. Com isto entendemos que há uma necessidade de ressignificação do ambiente de sociabilidade, que oportunize vivências onde os

⁷⁷ Sociabilidade Juvenil: contexto religioso e sua inserção social – pesquisa nacional realizada em 2003, em parceria entre o DNAJ/IECLB, IEPG, com apoio do CONAJE/IECLB e da FAPERGS, relaciona o perfil do/a jovem luterano/a da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB. Ela reúne dados que permitem aos agentes sociais e religiosos pensar os espaços de sociabilidade juvenil no amplo conjunto das ações emancipatórias.

sujeitos sociais participem do processo de identificação e intervenção frente aos desencontros. Este exercício deve acontecer com a participação de todos agentes com o propósito de mapear as dificuldades existentes com os projetos e as modalidades gestadas, buscando formas de superação das crises existentes neste importante espaço tradicional de sociabilidade e de formação de identidade juvenil que é a igreja⁷⁸.

As respostas associadas à *práxis* educativa vivenciada, revelam uma necessidade da igreja em avançar na elaboração de marcos conceituais sobre as juventudes. Elas inferem que as elaborações de políticas atendam as necessidades destes grupos, observando especificidades e potencialidades. Percebendo a juventude em sua totalidade, a instituição deve reconhecer suas limitações em fazer frente ao todo desejado e buscado pelos jovens. Este *reconhecimento de possibilidades* a ser encarado como estratégia das instituições eclesiais pode resultar na desconstrução de sentimentos de desconfiança percebidos na relação da juventude com setores da igreja em diversas situações. Com isto, os agentes envolvidos contribuem na construção da visão que reforce uma identidade social, podendo imprimir novas relações de poder⁷⁹.

Marcelo Baquero ressalta em estudo sobre capital social “a prática da participação e de trabalho em equipe (associações), seguindo normas convencionais pode ajudar a inculcar valores e o ensinamento de procedimentos na promoção da convivência democrática”⁸⁰. Há uma necessidade de experimentar um processo

⁷⁸ SPOSITO, Marília P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. In: **Tempo Social** - Revista de Sociologia. USP, São Paulo, 1994. p 2.

⁷⁹ BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 139.

⁸⁰ BAQUERO, Marcelo (Org.). **Reinventando a Sociedade na América Latina**: cultura política, gênero, exclusão e capital social. Porto Alegre: Ed. Universidade / URFGRS / Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), 2001. p. 56.

onde os agentes estejam *desarmados* para promover uma caminhada conjunta e significativa.

Como resultado é possível vislumbrar um horizonte de criação de vínculos fortalecidos, “sendo criadas as condições para um diálogo mais fecundo e promissor”⁸¹, onde cada agente possa desempenhar o seu papel, como atores capazes de oportunizar ações coletivas, com um apelo e valorização do exercício individual e comunitário, com identidades fortalecidas de ambos os lados.

Através desta pesquisa, obtivemos dados que permitem problematizar o espaço eclesial, sugerindo um exercício de ressignificação. O conjunto destas iniciativas possibilita aos jovens permanecerem envolvidos com os projetos comunitários tomando-os como referenciais.

“É preciso admitir a existência de significativa diversidade de práticas coletivas entre os jovens, ainda pouco visíveis e escassamente investigadas.”⁸² Dito isto, os agentes socializadores necessitam valer-se de exercícios diários que os levem a desvelar os *rostos das juventudes* em um processo onde são ensinantes e aprendentes ou educandos e educadores.

⁸¹ SPOSITO, Marília P. A produção de conhecimento sobre juventude na área de educação no Brasil. In: **Tempo Social** - Revista de Sociologia. USP, São Paulo, 2000. p. 20.

⁸² SPOSITO, Marília P. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**. nº 13, p. 80, 2000.

CAPÍTULO 3 – OUTROS OLHARES NA PRÁXIS EDUCATIVA NO TRABALHO COM JOVENS NO ESPAÇO ECLESIAL

*Tu me dizes, eu esqueço.
Tu me ensinas, eu lembro.
Tu me envolves, eu aprendo.
Benjamim Franklin*

No terceiro capítulo, retomamos falas pontuais dos sujeitos entrevistados trazidas do capítulo anterior, preservando o processo dialógico com saberes que promovam uma educação emancipadora, elencando valores relevantes para a prática educativa com este público. Assim, entendemos também ser oportuno tematizar o papel de educandos e educadores como sujeitos sociais, quando se propõem a construir relações de transformação de uma realidade, criando e elaborando novos significados.

Para entrar nesse diálogo, precisamos manter presente o termo juventude enquanto categoria social e seu trânsito nos espaços de sociabilidade, sob o olhar do ambiente escolar e eclesial, considerando que a juventude é formada em um contexto de crise.

Pela ótica de Groppo:

A juventude como categoria social não apenas passou por várias metamorfoses na história da modernidade. Também é uma representação e uma situação social simbolizada e vivida com muita diversidade na realidade cotidiana, devido a sua combinação com outras situações sociais – como a de classe ou estrato social –, e de devido também às diferenças

culturais, nacionais, e de localidade, bem como, as distinções de etnias e de gênero.⁸³

A multiplicidade de juventudes na atualidade provém de discordâncias de projetos modernizadores⁸⁴. Nessa perspectiva resgatamos o que fora dito, que há uma pluralidade de juventudes. Cada grupo juvenil pode reelaborar, a partir de suas peculiaridades, um novo conceito do que é “ser jovem”⁸⁵, caracterizando-se como tal, frente a outras juventudes.

Gropo sublinhou ainda,

[...] a multiplicidade das juventudes não se funda num vazio social ou num nada cultural, não emerge de uma realidade meramente diversa, ininteligível e esvaecida. Tem como base experiências sócio-culturais anteriores, paralelas ou posteriores que criaram e recriaram as faixas etárias e institucionalizaram o curso da vida individual – projetos e ações que fazem parte do processo civilizador da modernidade.⁸⁶

“Assim como a ‘juventude’, os termos ‘modernidade’ e ‘moderno’ guardam muitos sentidos possíveis atribuídos pelos atores sociais”.⁸⁷ Então, falar em juventude nos dias atuais pressupõe coragem, se considerarmos o pouco tempo que as pessoas possuem para se dedicarem ao exercício, aparentemente simples, que é o ato de observar.

Madalena Freire, em seu artigo *Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos*⁸⁸, reforça a importância do processo de apropriação do pensamento prático e teórico, que resulta em conhecimento, se considerarmos o evento dialógico como facilitador e promotor na arte de educar.

⁸³ GROppo, Luís Antônio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro, Difel, 2000. p. 15.

⁸⁴ GROppo, 2000, p. 18.

⁸⁵ REZENDE, Claudia Barcellos. Identidade. O que é ser jovem? In: **Revista Tempo e Presença**, n. 240, CEDI, p. 4-5, 1989.

⁸⁶ GROppo, 2000, p. 19.

⁸⁷ GROppo, 2000, p. 29.

⁸⁸ FREIRE, Madalena (Org.). **Observação, registro, reflexão**: instrumentos metodológicos. I. 2. Ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. p. 4.

A igreja, por sua vez, precisa aprimorar essa habilidade da observação, que é uma premissa na educação. Esse exercício pode ser efetivado através de práticas de comprometimento com a vida das pessoas, vislumbrando, um horizonte de registro, seguido de reflexão, avaliação e planejamento. Vale reforçar que este não é um exercício de via única, mas, sim, de reciprocidade entre os atores. Este processo criativo é algo dinâmico, onde, através da interação, dá-se a troca.

Essas construções partem da capacidade reflexiva captadas pelos olhares dos educadores lançados ao longo da caminhada, quer seja na elaboração ou na execução de planejamento compartilhado com educandos.

Se considerarmos que acompanhamento nos remete à ação planejada de quem pretende e se permite conduzir, este passa também a ser um balizador na implementação daquilo que se almeja com os espaços propiciados pela formação contínua ao longo da vida⁸⁹. Madalena Freire ainda reforça que o acompanhamento instrumentalizador o é ao passo que tem continuidade e que se torna concreto, valorizando o sujeito educando em toda a sua história. Na medida em que é permanente, garante ao aprendente-educando e ao aprendente-educador um fazer criativo, capaz de superar os desafios que se colocam mediante percepções, sentimentos, leituras e releituras por eles elaborados.⁹⁰

Sendo o espaço de sociabilidade da igreja um ambiente fértil para a produção de conhecimentos constitutivos na vida das pessoas, esta pode tomar como exemplo a escola. É preciso ter presente que a juventude que está no ambiente escolar é a mesma do eclesial. A diferença está em a escola se colocar como obrigatória e formal; a igreja, ao contrário, coloca-se muito mais por adesão voluntária e informal. Constatamos isto a partir das leituras realizadas que se

⁸⁹ A IECLB desenvolve o programa de Educação Cristã Contínua, reconhecendo que a educação se dá ao longo da vida e por isto aposta na formação continuada de seus membros.

⁹⁰ FREIRE, 1996, p. 9.

processam a partir de um novo olhar sobre o perfil da juventude e uma releitura do perfil da juventude conforme a pesquisa já relacionada *Sociabilidade juvenil: contexto religioso e sua inserção social*, quando lemos que os jovens, em boa parte, participam da vida comunitária por motivação da família.

Nessa caminhada conjunta são construídos conceitos que servirão de base e de referenciais para as políticas eclesiais de trabalho com jovens. Estes são sujeitos e não objetos e assim o é enquanto o permitimos de fato. O pré-conceito lançado sobre os sujeitos tenta transformá-los em meras criaturas, reprodutoras de um sistema arraigado na tradição e produtoras vítimas de um olhar equivocado e de uma *receita* com destinatário trocado.

Conforme Madalena Freire, “a ação de olhar é um ato de estudar a si próprio, a realidade, o grupo à luz da teoria que nos inspira.”⁹¹ Este exercício de construção requer uma desconstrução do que estabelecemos como conceito, que revela a realidade da qual somos parte e também produzimos. Piaget, por sua vez, quando refere “só vejo o que sei”⁹², nos leva a crer que o aprendizado requer a contemplação e a liberdade para que cada pessoa possa exercitar-se trilhando caminhos que revelam a dinamicidade enquanto sujeitos aprendentes.

“Aprendendo a olhar a si próprio, ao grupo, a dinâmica que vai sendo composta, vai alicerçando a capacidade de ler e estudar a realidade.”⁹³ A sede pela descoberta presente no educador-educando promove a emancipação dos ambos os sujeitos. É um constante aprender. Aprender a pensar pressupõe aprender a estabelecer relações discernindo o real do irreal, do concreto e do abstrato, do diferente e do semelhante. Estes recortes nos animam a olhar o ambiente educativo

⁹¹ FREIRE, 1996, p. 11.

⁹² PIAGET apud FREIRE, 1996, p. 11.

⁹³ FREIRE, 1996, p. 13.

religioso⁹⁴, revisitando a trajetória enquanto educador-educando, que assiste o desenvolvimento do jovem em sua dinâmica de fé. Com isto, não se quer dizer ou afirmar que educador religioso necessite ter todas as respostas ou que o educando precise dominar tudo. Ao contrário, o que se deseja é criar um espaço de elaboração e re-elaboração, propiciando a capacidade de compreender, experienciar e dar significação ao que se coloca na vida de cada pessoa em sua relação com a transcendência.

Larrosa propõe “pensar a educação a partir do par experiência/sentido”⁹⁵. Nos espaços de sociabilidade juvenil propostos pela igreja faz-se necessário considerar suas práticas também considerando a experiência enquanto criadora de sentido. A práxis educativa é uma ação refletida com vistas a uma nova ação educativa. Freitas corrobora com este pensamento ao referir:

[...] a concepção de professor como profissional “prático reflexivo” se desenvolve em oposição à concepção de professor percebido como técnico, que limita suas necessidades à aquisição de conteúdos, métodos e técnicas, numa postura meramente aplicativa e reprodutora.⁹⁶

Esta concepção também se aplica ao educador em contextos eclesiais, reconhecendo que as riquezas das experiências trazidas pelas pessoas jovens refletem suas histórias de vida.

A partir destas incursões pela educação, buscamos lançar mão destas ferramentas para dentro do contexto religioso. A igreja ganha ao apostar nesta prática. Os sujeitos alcançados pela igreja trazem junto saberes, significados e, por vezes, ressignificam experiências a fim de se apropriarem de um conhecimento

⁹⁴ KLEIN, Remí. O lugar e o papel das perguntas no processo educativo religioso. In SCARLATELLI, Cleide C. da Silva et.al. **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2006. p. 157.

⁹⁵ LARROSA, 2002, p. 20-21.

⁹⁶ FREITAS, Ana Lúcia Souza de. O registro como instrumento da prática profissional do “professor reflexivo”. In **Revista Educação**. Porto Alegre, Ano XXIII, n. 40, abr.2000. p. 205.

internalizado, apreendido. A igreja pode e deve potencializar a participação destes sujeitos com suas histórias, valorizando o sentimento da realidade e das comunidades das quais participam. A visão de mundo, de realidade, de sociedade, de igreja que as pessoas jovens têm, desenvolve-se a partir da sua origem. A fé se reflete e tem implicações com a vida de cada pessoa que compõe a sociedade e a trama de suas relações.

Assim como a escola, a igreja, diante da passividade ou do distanciamento da juventude do seu espaço, deve pensar-se como um rico espaço para a constituição de sujeitos. Sposito, ao pensar escola, diz

[...] como mais um dentre os espaços propícios a constituição de sujeitos que tentam compreender sua presença no mundo e buscam construir projetos em condições desafiadoras e adversas impostas pela sociedade atual. Se hoje é reconhecida uma profunda separação entre a cultura escolar e o mundo dos jovens, quando a democracia for capaz de garantir um espaço para que as vozes juvenis sejam ouvidas, a separação será menos provável.⁹⁷

Através desta fala é possível promover uma avaliação construtiva das políticas de trabalho com juventudes em âmbito eclesial. Promovendo este exercício, são restabelecidos vínculos continuados com a vida comunitária, reconhecendo que também a igreja é e reúne em seu seio uma diversidade que pode conviver com dinamicidade fazendo frente aos desafios postos pela sociedade contemporânea.

A igreja pode assumir um papel fundamental nesse contexto quando se propõe a ouvir o que é importante para a juventude. Trabalhar esses temas que afetam os jovens com uma visão teológica, em parte supriria os anseios dos mesmos, como podemos observar em falas de entrevistados, entre as quais destacamos.

⁹⁷ SPOSITO, 2000, p. 90-91.

Quando tivermos uma igreja capaz de olhar para juventude e ver nela o rosto de Deus, teremos uma igreja jovem, uma juventude que é igreja e quer transformá-la, apresentá-la como novidade ao mundo.⁹⁸

É importante que as instituições eclesiais tenham empatia com o público com o qual se propõe a trabalhar e, a juventude, é um destes segmentos sedentos por espaços que promovam sua autonomia.

Na medida em que conquistamos autonomia, queremos vivenciar isto. Aí começa o choque com a comunidade de fé. Muitas delas têm dificuldade de se relacionar com pessoas autônomas, dificultando assim o entendimento do momento em que estas pessoas vivem. Por isso, se faz urgente uma aproximação entre fé e ciência, igreja e universidade.⁹⁹

Segundo Ângela Maria Martins em seu estudo *Autonomia e educação: a trajetória de um conceito* menciona que:

O conceito de autonomia tem sido construído, historicamente, no contexto de diferentes características culturais, econômicas e políticas que configuram as sociedades ao longo de seu percurso. O tema da autonomia aparece na literatura acadêmica, em alguns casos, vinculado à idéia de participação social, e, em outros, vinculado à idéia de ampliação da participação política no que tange à descentralização e desconcentração do poder.¹⁰⁰

Os espaços de autonomia propiciados pela igreja, onde a juventude tem participação ativa na geração e gestão de um novo modelo institucional significativo para a promoção de identidade, precisam ser ensaiados e fortalecidos. A igreja precisa amadurecer despindo-se de seu preconceito, abrindo-se ao mundo juvenil, ou seja, estar receptível às inovações.

A igreja, como qualquer outra instituição, tem poder para promover um sistema de reprodução ou negação de uma nova consciência. No entanto, isto

⁹⁸ Cf. fala entrevistado 6, questão número 9.

⁹⁹ Cf. fala entrevistado 6, questão número 9.

¹⁰⁰ MARTINS, Ângela Maria. *Autonomia e educação: a trajetória de um conceito*. Fundação Carlos Chagas. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, 2 Março/2002. p. 2.

significa negar o seu compromisso com a vida e a liberdade cristã. Acompanhar as juventudes pressupõe reconhecer a especificidade de sua condição e a criação de vínculos de confiança que garantam o protagonismo e o empoderamento destes para a construção de um projeto de vida, alicerçado em princípios de comunhão e participação.

CONCLUSÃO

Ao finalizarmos este estudo analítico-reflexivo, percebemos que este nos permitiu alcançar o universo juvenil teórico-prático, possibilitado por revisão bibliográfica, práxis educativa e falas de atores sociais, onde, através de um processo dialógico experimentado por Freire em sua caminhada na educação, problematizamos questões relativas ao foco desta pesquisa.

A partir das incursões feitas, pudemos refletir sobre o papel da igreja enquanto facilitadora de espaços de sociabilidade juvenil, em uma constante aproximação com a educação comunitária, dentro de uma proposta emancipadora dos agentes sociais ensinantes e aprendentes envolvidos.

Reconhecemos que a igreja pode lançar mão com mais afinco da prática educativa nos serviços ofertados para a construção e o fortalecimento de identidades e culturas juvenis, ampliando, assim, o universo eclesial para ambos os atores – educadores e educandos. Este trabalho reforçou o entendimento de que a igreja tem uma parcela significativa de responsabilidade na gestão de projetos de caráter sócio-educativo-cristão.

No entanto, vale frisar que a igreja tem cumprido seu papel, mesmo que com limitações. Apesar disto, ela precisa aperfeiçoar o atendimento das demandas e necessidades do grupo juvenil, evitando, desta forma, que surjam relações de

desconfiança, pois estas levam ao enfraquecimento de iniciativas que poderiam inaugurar políticas de trabalho, sem que tenham um caráter compensatório. Por vezes, perde-se a capacidade de perceber as juventudes enquanto sujeitos de vontades e necessidades, capazes sim de contribuírem efetivamente na superação pró-ativa de suas carências.

Este processo possibilita a busca na revitalização de espaços de sociabilidade, protagonismo e empoderamento dos jovens, na convivência cotidiana, firmando os vínculos sociais continuados.

Esta pesquisa se ateve, sobretudo, à análise e à reflexão sobre o universo juvenil e suas interlocuções com o trabalho eclesial-comunitário. Outrossim, percebemos que este mesmo olhar deveria ser lançado também para o contexto da educação formal escolar e, sobretudo, para o contexto da educação popular. Isto porque, ambos estão intrinsecamente imbricados no cotidiano das nossas juventudes e ainda pouco analisados na interface entre religião e educação, o que poderia, a nosso ver, se constituir num possível foco de continuidade, estudo e de pesquisa da presente abordagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia e PAPA, Fernanda de Carvalho (Org.). Políticas públicas: juventude em pauta. São Paulo: Cortez; Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003a.

ABRAMO, Helena Wendel apud HAMMES, Lúcio Jorge. **Aprendizados de convivência e a formação de capital social**: um estudo sobre grupos juvenis. Tese de Doutorado. UNISINOS. São Leopoldo, 2005.

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, Maria Virgínia (Org.). **Juventude e Adolescência no Brasil**: referências conceituais. Cap. 2. São Paulo: 2005, p. 24. Disponível em: <www.acaoeducativa.org>. Acesso: 14 set. 2006.

ABRAMO, Helena W. Quais Direitos? **Revista Onda Jovem**, ano 2 – n. 5, jul/out, 2006, p. 34-37, 2006.

ANNAN, Kofi. Discurso proferido na 1ª Plenária (tarde), de 08 ago. 1998. **Abertura da Conferência Mundial dos Ministros Responsáveis pela Juventude**. Lisboa. Portugal. Disponível em: <<http://www.un.org/events/youth>>. Acesso em: 27 nov. 2007.

ATRIA, Raúl. Capital social: concepto, dimensiones y estrategias para su desarrollo. In: ATRIA, Raúl, SILES, Marcelo, ARRIAGADA, Irma, ROBIMSON, Lindon J. & WHITERFORD, Scott. (Comps.). **Capital social y reducción de la pobreza en América Latina y el Caribe**: en busca de un nuevo paradigma. Santiago do Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe-University of Michigan Press, 2003, p. 581-590 apud Hammes, 2005, p. 169.

BAQUERO, Marcelo (Org). **Reinventando a Sociedade na América Latina**: cultura política, gênero, exclusão e capital social. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS / Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), 2001. p. 19-70.

BARRIENTOS, G.; LASCANO, R. Informe sobre “protagonismo infantil”. Fortaleza, 2000. Disponível em: <www.imagine.com.ar/yachay/protagonismo.htm>. Acesso em: 21 mai. 2007.

BARRIENTOS-PARRA, Jorge. O Estatuto da Juventude – Instrumento para o desenvolvimento integral dos jovens. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília: a. 41, n. 163, jul./set.2004. p. 132 (2-22).

BOBSIN, Oneide; BECKER, Cláudio Giovani; KUHN JÚNIOR, Norberto. **Sociabilidade Juvenil**: contexto religioso e sua inserção social. São Leopoldo: IEPG/EST, 2003. 5 p.

BOTAS, Paulo Cezar Loureiro. Não confie em ninguém com mais de 30 anos. **Revista Tempo e Presença**, n. 262, p. 12, 1992.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre apud BARRIENTOS-PARRA, Jorge. O Estatuto da Juventude - Instrumento para o desenvolvimento integral dos jovens. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília a. 41 n. 163. p. 132, 2004.

CARRANO, Paulo. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Movimento**. Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói, n. 1, p. 11-26, mai. 2000.

CARRANO, Paulo. A tradição em crise. In: Rev. Onda Jovem ano 2 – número 5, julho/outubro, 2006. p. 38-41.

COELHO, Alonso Nunes. Juventude e Políticas Públicas. **Revista Mundo Jovem**. São Paulo: out. 2003.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo Juvenil: Adolescência, Educação e Participação Democrática**. Salvador, Fundação Odebrecht, 2000.

DAUNIS, Roberto. **Jovens: Desenvolvimento e identidade** – Troca de perspectiva na psicologia da educação. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, set-dez, 2003, p. 40-52.

DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Versão 1.0 – Dez. 2001, Copyright © 2001, Instituto Antonio Houaiss, produzido e distribuído por ed. Objetiva Ltda. CD-ROM.

DICK, Hilário. História da Juventude. São Leopoldo, 2003. **IHU On-line**, São Leopoldo, Ano 3, n. 71, p. 15 a 17, 18 ago. 2003.

ESCÁMEZ, J.; GIL, R. **O Protagonismo na educação**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERRETTI, Celso J.; ZIBAS, Dagmar M. L.; TARTUCE, Gisela Lobo B. P. Protagonismo Juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, maio/ago. 2004.

FLM – Federação Luterana Mundial – Departamento de Missão e Desenvolvimento; Revista Missão em Contexto; Trad. por Neila S. Uecker. – Curitiba: Encontro, 2006. p. 53-63.

FORACCHI, Marialice Mencarine. **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

FORACCHI, Marialice M. apud SOUZA, Regina Magalhães de. **Escola e juventude: o aprender a aprender**. São Paulo: EDUC/Paulus, 2003, p.49.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos**. I. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. O registro como instrumento da prática profissional do “professor reflexivo”. In: **Revista Educação**. Porto Alegre, Ano XXIII, n. 40, abr. 2000. p. 203-222.

FREITAS, Maria Virgínia. **Seminário Juventude e Políticas Públicas**, São Paulo. p. 4. Disponível em <<http://www.polis.org.br>> ou <www.ibase.org.br>. Acesso em: 10 nov. 2007.

FREITAS, Maria Virgínia et al. Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais. **Revista Ação Educativa**. São Paulo: 2005. Disponível em: <www.acaoeducativa.org>. Acesso: 14 set. 2006.

GADOTTI, Moacir. **Protagonismo juvenil: alguns aspectos teórico-metodológicos**. Fórum de Educação, 2002. Disponível em: <<http://www.forumeducacao.hpg.ig.com.br/ecopedagogia/Protagonismo.htm>>. Acesso em: 31 jul. 2006.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro, Difel, 2000.

HAMMES, Lúcio Jorge. **Aprendizados de convivência e a formação de capital social: um estudo sobre grupos juvenis**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UNISINOS. São Leopoldo, 2005.

KLEIN, Remí. O lugar e o papel das perguntas no processo educativo religioso. In. SCARLATELLI, Cleide C. da Silva et.al. **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2006. p. 157-168.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28. jan/abr. 2002.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, **Maria Virgínia et al. Juventude e Adolescência no Brasil**: referências conceituais. 2005. p. 13. Disponível em: <www.acaoeducativa.org>. Acesso em 24 ago. 2007.

LULIANELLI, Jorge Atílio. A corajosa necessidade de ser jovem. **Tempo e Presença**, n. 321, p. 12, 2002.

MACHADO, Fernanda Quixabeira. Por uma história da Juventude brasileira – **Revista da UFG**, v. 6, n. 1, jun. 2004, Disponível em: <www.prec.ufg.br>. Acesso em: 18 ago. 2007.

MARTINS, Ângela Maria. Autonomia e educação: a trajetória de um conceito. Fundação Carlos Chagas. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, 2 mar. 2002.

NOVAES, Regina Reyes. Juventude e Ação Social no Rio de Janeiro: resultados de pesquisa. In: LANDIM, Leilah (Org.) **Ações em Sociedade** - Militância, caridade, assistência etc. Rio de Janeiro: Iser/Nau, 1998. Disponível em: <http://www.rits.org.br/estudos_teste>. Acesso em: 25 jul. 2007.

PEREIRA, Ferdinand Cavalcante. O que é empoderamento (Empowerment). **Sapiência**, ano III, n. 8, Informativo Científico da FAPEPI, 27 nov. 2006, p. 1.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. São Paulo, 1996.

RABÊLLO, Maria Eleonora D. Lemos. **O que é Protagonismo Juvenil?** Disponível em: <www.edeca.org.br>. Acesso em: 13 mar. 2007.

Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 1 n. 1 (1), agosto-dezembro/2003. Disponível em: <www.emtese.ufsc.br>. Acesso em: 10 nov. 2007.

REZENDE, Claudia Barcellos. Identidade. O que é ser jovem? In: **Revista Tempo e Presença**, n. 240, CEDI, p. 4-5, 1989.

RICOUER, Paul. O si mesmo como um outro. Campinas, 1991 apud DAUNIS, Roberto. **Jovens**: desenvolvimento e identidade – troca de perspectiva na psicologia da educação. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

SEMERENE, Bárbara. **Jovens no Poder**. Disponível em: <<http://www.bancouniversitario.com.br>> ou <<http://www.universia.com.br>>. Acesso em: 4 abr. 2007.

SCARABELLY, Carlos Henrique. **Um passo para Cidadania**, 31/03/2004. Disponível em: <www.protagonisjuvenil.org.br>. Acesso em: 4 nov. 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; DURAND, Olga Celestina da Silva. Juventude, juventudes: processos e espaços educativos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 1. 2004. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectivas.html>>. Acesso em: 15 jul. 2007.

SOUZA, Regina Magalhães de. **Escola e juventude**: o aprender a aprender. São Paulo: EDUC/Paulus, 2003.

SPOSITO, Marília P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. In: **Tempo Social** – Revista de Sociologia. USP, São Paulo, p. 2, 1994.

SPOSITO, Marília P. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 13, p. 80, 2000.

SPOSITO, Marília P. A produção de conhecimento sobre juventude na área de educação no Brasil. In: **Tempo Social** - Revista de Sociologia. USP, São Paulo, p. 20, 2000.

SPOSITO, Marília P. Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo, **Ação Educativa**, 2003.

WAGNER, Adriana; FALCKE, Denise; MEZA, Eliane Böttcher Duarte. Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**. PUCRS, v. 10, n. 1, Porto Alegre, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 20 out. 2007.